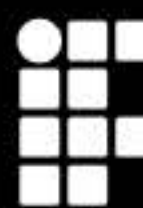




RELATÓRIO DE PESQUISA

Impactos da COVID-19 na Economia Criativa da Baixada Fluminense

OBaC Observatório
Baixada Cultural

 INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Rio de Janeiro

 **UFRRJ** UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO

Observatório Baixada Cultural – Rio de Janeiro
Email: observatoriobaixadacultural@gmail.com

Projeto Gráfico: Bibiana Oliveira Serpa

P474 Pesquisa impactos da Covid-19 na economia criativa da Baixada Fluminense : IFRJ/UFRRJ [Recurso eletrônico] / coordenação João Guerreiro, Bruno Borja. – [s.l.]: Observatório Baixada Cultural, 2021. 58 p. : il.

Relatório de pesquisa final.
Disponível em arquivo PDF.

1. Desenvolvimento econômico – Baixada Fluminense (RJ) . 2. Economia criativa. 3. Covid-19 (Doença). 4. Pandemia. I. Guerreiro, João, **coord.** II. Borja, Bruno, **coord.** III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. IV. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. V. Título.

CDU 338(8153)



O Observatório Baixada Cultural (OBaC) é uma parceria interinstitucional agregando pesquisadores/as do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e pesquisadores/as independentes que realizam projetos de ensino, pesquisa e extensão tendo como foco as ações culturais no território da Baixada Fluminense. Sua proposta surgiu em 2020, durante a colaboração acadêmica que estes pesquisadores/as realizaram junto ao Observatório da Economia Criativa da Bahia (OBEC-BA) na condução da pesquisa “Impactos da Covid-19 na Economia Criativa”.

Entendemos o OBaC como uma “Rede de Observação” dando ênfase a praticantes culturais, partindo do

pressuposto de que todos/as praticantes culturais detêm informação e realizam ações culturais. Neste sentido, o OBaC pretende não apenas produzir estudos, pesquisas e intervenções no território da Baixada Fluminense através de projetos de extensão, mas também, fazer com que as informações circulem, que haja um fluxo. E que possamos atuar junto aos poderes públicos locais, aos grupos e coletivos culturais e a outros/as pesquisadores/as da região ou interessados/as em gerar informações e subsídios para formulação de políticas públicas de cultura e para fortalecer a articulação da rede cultural da Baixada Fluminense, numa aproximação com as Instituições de Ensino Superior localizadas em seu território.



Fotografia: Gabriela Machado

EQUIPE DA PESQUISA

Coordenação

João Guerreiro

*Professor do Bacharelado em Produção Cultural
IFRJ, Nilópolis*

Bruno Borja

*Professor do Departamento de Ciências Econômicas
UFRRJ, Nova Iguaçu*

Pesquisadores

Bruno Duarte

Economista (UFRRJ)

Mestrando em Economia Política (PUC-SP)

Igor Guimarães

Economista (UFRRJ)

Luise Villares

Historiadora (UFRRJ)

Mestra em Patrimônio, Cultura e Sociedade (UFRRJ)

Utanaan Reis Barbosa Filho

Economista (UFRRJ)

*Mestrando em Planejamento Urbano
e Regional (IPPUR-UFRJ)*

◀ PRÓLOGO

Um olhar comprometido com as questões do território em que atua e articulando diferentes saberes de forma horizontal

Daniele Canedo (UFRB, NPGA/UFBA)

Carlos Paiva (OBEC/BA)

Salvador

26/03/2021

A pesquisa “Impactos da COVID-19 na Economia Criativa” foi uma resposta espontânea do grupo de pesquisadores do OBEC à situação que se apresentava com potencial devastador para a cultura. Buscar entender a extensão do que começava a se instalar, a percepção do setor sobre o que lhe afligia, as necessidades e as características de cada público sobre estas questões se mostravam urgentes.

Uma vez montado o instrumento para pesquisar o estado da Bahia, escopo da maior parte das pesquisas do OBEC até então, abri-lo para todo o país nos pareceu imperativo. A cooperação permitiria uma visão nacional da situação ao tempo que possibilitaria a identificação de peculiaridades locais, bem como seria um insumo para elaboração

de respostas para gestores públicos e privados de todo o território nacional. Neste sentido, uma das decisões mais acertadas naquele momento de tantas novidades foi buscar parcerias com outros centros de pesquisa que, a um tempo, ajudariam na divulgação em sua região e, a outro, comporiam o esforço de análise dos dados nacionais e locais. É com muita satisfação que vemos, agora, alguns dos frutos desta decisão.

Primeiro, é com alegria que recebemos a notícia da criação do Observatório Baixada Cultural (OBaC), com um olhar comprometido com as questões do território em que atua e articulando diferentes saberes de forma horizontal, de modo a potencializar desdobramentos pela complementariedade destes olhares e pela forma de trabalho.

Segundo, também nos alegra ler o rico recorte feito com os dados levantados junto aos fazedores de cultura da Baixada Fluminense. O aprofundamento de recortes regionais era um dos resultados que esperávamos, e ver o retrato de como a Baixada Fluminense está lidando com a situação é um importante insumo para enriquecer o debate neste momento tão desafiante. Por fim, cabe registrar a importância de colaborações como esta realizada com a UFRRJ e o IFRJ, pois permitem a diversificação de olhares a partir das diferentes formações dos pesquisadores que participam das análises, enriquecendo as reflexões geradas.

Como era de se esperar, o recorte mostra, em grande parte, similitudes com a situação e perspectiva de agentes de outras regiões e realidades. Nestes

pontos em comum, muitas das reflexões e indicações feitas na pesquisa nacional se aplicam aqui. O que o recorte traz de novo são os pontos nos quais os agentes culturais se distinguem da média nacional e convidam para reflexões específicas.

Dentre as especificidades, algumas se destacam. A primeira, a predominância de organizações voltadas para formação. Estas atividades costumam ter financiamento institucional público ou privado (inclusive estrangeiro, confirmando a capacidade de articulação destes agentes), e a pesquisa aponta que ambos foram fortemente impactados. Ainda neste ponto, os tão aclamados incentivos fiscais à cultura se mostram distantes - quase inócuos - do cotidiano dos agentes da Baixada Fluminense, mesmo que estejam localizados no

estado do Rio de Janeiro, o segundo que mais capta recursos no Brasil. Por fim, entre as necessidades, a demanda por capacitação se sobrepondo às de crédito, confirma a predominância de atividades que atuam na interseção do social com o cultural.

Acreditamos na importância de pesquisas como uma das formas de promover a compreensão da realidade dos setores artísticos, culturais e criativos, e aumentar o potencial de incidir nela, seja no contexto das carreiras pessoais, na atuação das organizações que participam, ou de forma mais ampla, através das políticas públicas para a cultura. Estamos certos de que a criação do OBaC e os esforços empreendidos pelo grupo para a execução e a finalização desta pesquisa representam contribuições relevantes neste sentido.

◀ PRÓLOGO

A produção de informações na luta contra as desigualdades e a invisibilidade

Lia Calabre (PPCULT/UFF)

Paquetá

26/03/2021

Nesses tempos pandêmicos, com alguns vírus de diversas naturezas e origens circulando livremente por aqui, a produção efetiva de conhecimento torna-se um insumo de primeira necessidade na luta pela democracia, pelas liberdades, pela diversidade, pela cidadania, e em algumas outras tantas causas quase que inumeráveis.

Nunca é demais lembrarmos que com o início da pandemia da Covid-19 o setor da cultura foi o primeiro a ter suas atividades interrompidas. Os museus, teatros, casas de show, espetáculos ao vivo, foram todos suspensos. As atividades cinematográficas e mesmo a dramaturgia televisa também foram paralisadas. Tal conjuntura se somou a uma crise de financiamento, em especial dos recursos oriundos do Governo

Federal, que já vinha se aprofundando desde 2019.

O financiamento público da cultura no Brasil, assim como a distribuição de equipamentos culturais sempre foram marcados por desigualdades, por concentrações geográficas e setoriais. É como se em algumas regiões, em algumas localidades dentro dos municípios ou, até mesmo, em alguns deles inteiros a cultura estivesse ausente, ou ainda, o que ali está sendo produzido não deva ser considerado como cultura passível de reconhecimento e apoio por parte do Estado.

Uma dessas regiões sobre as quais incidiam (e ainda incidem) preconceitos, desatenções e desvalorizações é a Baixada Fluminense. Tal região, de uma maneira geral, somente costuma ser

lembrada pelos altos índices de violência e pelos baixos índices de qualidade de vida. À exceção das escolas de samba, que ganham visibilidade no carnaval, é como se não houvesse nem trabalho, nem trabalhadores da cultura na região.

É importante registrar que alguns dos olhares sobre a região começaram a mudar, já no final da primeira década do atual século. Políticas públicas de cultura voltadas para a diversidade cultural e a criação do Programa Cultura Viva, somaram-se ao enorme empenho dos coletivos, dos grupos, dos artistas da Baixada de se fazerem ver, de terem suas atividades culturais conhecidas e reconhecidas. O “território baixadense” consegue ganhar mais visibilidade externa, assim como consolidar e/ou

fortalecer experiências e atividades muitas que já contavam com décadas de existência. Soma-se a isso o surgimento e o fortalecimento das instituições públicas de ensino superior, valendo aqui o registro da ampliação dos campi e dos cursos oferecidos pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e do Instituto Federal do Rio de Janeiro – com destaque para o Bacharelado em Produção Cultural.

Toda essa dinâmica, em pleno florescimento, foi duramente atingida pela pandemia da Covid-19. O presente levantamento é, certamente, um primeiro e muito valioso exercício de conhecimento mais efetivo do impacto da pandemia nesse território tão potente e tão submetido a processos de invisibilização. É de suma importância o fato

do mesmo ter sido realizado dentro de uma pesquisa que abrange todo o país – coordenada pelo Observatório de Economia Criativa da Bahia, contando como inúmeros parceiros, podendo assim estabelecer alguns níveis de comparação e análise da situação nacional.

Além do fundamental trabalho de identificação e conhecimento dos impactos da pandemia na região, o presente estudo lança luz em uma série de outras questões relacionadas ao fazer cultural, aos processos de profissionalização e institucionalização, na Baixada Fluminense, no campo da cultura. Oxalá ve-nham os próximos estudos.

◀ PRÓLOGO

Neste território a resiliência é cotidiana

Dudu de Morro Agudo

Arte educador, Rapper, Doutorando em Educação (UFF), Coordenador Executivo do Instituto Enraizados

*Nova Iguaçu
12/03/2021*

Uma pesquisa sobre os “Impactos da Covid-19 na Economia Criativa” na Baixada Fluminense é de suma importância não somente para as instituições e para os fazedores de cultura desta região entenderem sobre sua própria realidade, mas também porque traz à superfície o agravamento de uma crise histórica, fruto de um abandono sistemático do poder público, que nada tem a ver com esta pandemia.

Apesar de, como o próprio relatório diz, os números de grupos culturais e instituições participantes desta pesquisa não serem tão expressivos, por alguns motivos já identificados e outros passíveis de investigação, este primeiro diagnóstico já aponta para uma série de medidas possíveis de serem implementadas como políticas públicas

no âmbito cultural, e nos abre caminho para intensificar e aprofundar ainda mais a pesquisa sobre a realidade desses grupos.

Para quem atua nesta região, muitos dos dados expostos neste primeiro diagnóstico já eram previsíveis (e agora estão confirmados), contudo alguns outros dados como a porcentagem de LGBTQI+, de mulheres, de negros e o grau de instrução dos produtores dessa região, são novos e importantíssimos.

A pesquisa nos faz perceber que neste território a resiliência é cotidiana, e nos permite compreender a dinâmica de como os produtores e produtoras culturais se redescobriram em suas potências e se reinventaram em plena pandemia para manterem suas atividades

em funcionamento, ao mesmo tempo em que cuidaram/cuidam da própria sobrevivência e ajudaram/ajudam a solucionar ou amenizar o problema de seus pares, mas este relatório acima de tudo nos mostra nossas fragilidades e dificuldades nesse processo de reinvenção, os novos caminhos possíveis são espinhosos e a falta de conhecimentos específicos por vezes nos limita.

Por fim, essa parceria interinstitucional entre o IFRJ e a UFRRJ, duas universidades públicas, com instalações em cidades da Baixada Fluminense, e ainda com a colaboração de pesquisadores que estudam as ações culturais neste território, nos enche de esperanças, pois a partir do Observatório Baixada Cultural, nós, lideranças desta região, teremos em mãos dados preciosos sobre

nós mesmos, e considero que seja não somente nosso direito, mas nosso dever criar condições para que as informações contidas nesse material circulem, para que possamos juntos, os grupos culturais, a academia e o poder Público, a partir de nossas demandas, colaborar na formulação de políticas públicas de cultura.

» APRESENTAÇÃO	12	4. ESTRATÉGIAS	44
» NOTAS METODOLÓGICAS	14	◄ recursos utilizados para enfrentar os impactos da pandemia	45
1. IDENTIFICAÇÃO DE RESPONDENTES	16	◄ principais necessidades	47
◄ localização	17	5. RELAÇÕES PRÉVIAS COM MECANISMOS DE FINANCIAMENTO	49
◄ principais setores de atuação	19	◄ apoio direto	50
◄ etapas da cadeia produtiva	22	◄ incentivo fiscal	51
2. PERFIL DE RESPONDENTES	23	6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
◄ perfil das organizações	24	» AGRADECIMENTOS	56
◄ perfil dos indivíduos	26	» REFERÊNCIAS	57
◄ características da ocupação dos profissionais da cultura	30		
◄ proteção social e associativismo na cultura	34		
3. IMPACTOS	36		
◄ atividades adiadas ou canceladas	37		
◄ capacidade de se manter sem as fontes de receita da cultura	38		
◄ redução de receitas	40		

O início do ano de 2020 é marcado pela pandemia do coronavírus. Além dos efeitos sobre a saúde pública, a doença vem impactando também a economia mundial. A crise atual é, particularmente, crítica para os setores culturais e criativos devido à súbita e substancial perda de oportunidades de receita, decorrente do fechamento de teatros, museus, cinemas, centros culturais e cancelamento/adiamento de vários eventos públicos, apresentações e produções.

Vimos no dia 14 de março o início do que viria a ser o primeiro bloqueio total (lockdown) no país para a atual geração, impactando a imensa maioria dos espaços culturais públicos e privados. Com uma agilidade notável, o Observatório de Economia Criativa da Bahia (OBEC-BA) sob a coordenação de Daniele Canedo (UFRB), ainda neste mês de março, articulou, inicialmente, um grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e pesquisadores independentes e iniciaram a produção de um questionário sobre o impacto da pandemia no

setor da Economia Criativa baiana. Após exaustivas reuniões remotas e da distribuição do questionário para ser avaliado por outros pesquisadores, representantes da sociedade civil e agentes públicos, chegaram a um modelo de questionário que deveria ser aplicado aos trabalhadores e trabalhadoras da cultura e às organizações da Economia Criativa. Assim, no dia 27 de março de 2020 iniciaram a divulgação do questionário que deveria ser respondido remotamente devido ao confinamento. Ao mesmo tempo, avaliaram que seria uma oportunidade de aplicar o questionário em nível nacional.

Buscando facilitar a aderência à pesquisa e ampliar a divulgação, convidaram para integrar o grupo, pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro (ESPM/RJ). A ampliação do grupo de pesquisadores possibilitou a cooperação/parceria institucional com a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, Fundação Gregório de Mattos (Prefeitura de Salvador), Cátedra UNESCO de Políticas Culturais e Gestão, RS Criativo, Secretaria de Cultura

do Estado do Rio Grande do Sul, Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais, Secretaria Estadual de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro e com a Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte. O objetivo dessas parcerias institucionais foi amplificar a divulgação da pesquisa junto aos grupos criativos, haja visto o início da mobilização dessas estruturas para buscar contato direto com os grupos culturais e cadastrá-los para possíveis futuros apoios emergenciais.

A pesquisa foi realizada entre os dias 27 de março de 2020 e 23 de julho de 2020. Na verdade, a pesquisa nacional encerrou no dia 30 de junho, porém nesta última semana de junho, pesquisadoras/es do IFRJ dos Campi Nilópolis, São João de Meriti e Belford Roxo junto com pesquisadoras/es da UFRRJ de Nova Iguaçu, e pesquisadores independentes que moram ou atuam na região da Baixada Fluminense, se agregaram ao grupo em uma Colaboração Acadêmica à pesquisa do OBEC-BA.

Assim, nesses 23 dias de julho, a pesquisa continuou a ser realizada apenas no estado do Rio de Janeiro e intensificou-se a sensibilização junto aos grupos culturais e instituições da economia da cultura do estado do Rio de Janeiro e, particularmente, da Baixada Fluminense. Foram, assim, acionadas redes das trabalhadoras e trabalhadores do setor para que respondessem ao questionário elaborado pela equipe da OBEC-BA.

Esse relatório que agora apresentamos sintetiza as principais informações obtidas nos questionários respondidos, cujas organizações e trabalhadoras/es atuam ou moram na Baixada Fluminense.

Esperamos que esse primeiro diagnóstico sobre como os grupos e trabalhadoras/es que atuam no campo cultural na Baixada Fluminense foram e estão sendo impactados pela pandemia do novo coronavírus possibilite que os poderes públicos locais, estadual e federal possam implementar

ações para minimizar a grave crise do campo cultural, além das fronteiras da região.

Toda a construção metodológica da pesquisa “Impactos da Covid-19 na Economia Criativa” foi realizada pelos pesquisadores do OBEC-BA. Assim, iremos apenas realçar os pontos que consideramos mais importantes para o entendimento e sugerimos que acessem a publicação do [Relatório Final do OBEC-BA](#) para obterem as informações pormenorizadas da metodologia de construção do questionário e sua aplicação.

Na pesquisa nacional realizada pelo OBEC-BA, tivemos um total de 2.608 respostas, sendo 1.639 de trabalhadoras/es e 969 de organizações e, destas, 1.910 respostas foram validadas e analisadas (CANEDO et al. 2020).

A partir desse banco de dados, utilizamos um recorte selecionando apenas os respondentes que se identificaram como moradores e/ou atuando em algum dos treze municípios que compõem a região da Baixada Fluminense. Assim, a pesquisa validou as respostas de 116 trabalhadores

e trabalhadoras da cultura de quase todos os municípios da região. O único município que não apresentou respondentes da pesquisa foi Paracambi.

Já em relação às Organizações, aqui entendidas como instituições formais e informais do setor cultural, de grupos e coletivos culturais e, de forma mais ampla, da Economia Criativa, obtivemos a validação de 39 questionários oriundos da Baixada Fluminense. Entretanto, ficamos sem a participação de Organizações de 04 (quatro) municípios, a saber: Guapimirim, Magé, Nilópolis e Paracambi.

Cabe trazermos aqui uma ressalva apresentada no Relatório Final da pesquisa nacional:

É preciso também ressaltar alguns desafios da pesquisa. Um dos primeiros identificados foi a dificuldade de se mensurar impacto em termos absolutos. A economia criativa é um conceito guarda-chuva que abriga setores heterogêneos e com modelos de negócios díspares, com organizações e profissionais com receitas e perdas em escalas muito diversas. Ademais, é preciso ressaltar a histórica carência de dados macro e microeconômicos que sirvam como referên-

cia para as análises. Falta consenso quanto aos conceitos e metodologias adotados em estudos oficiais e acadêmicos. Há ainda a dificuldade de alguns profissionais e organizações da economia criativa em sistematizar e reportar informações sobre a própria atuação, incluindo dados precisos de receitas e perdas. Faltam registros administrativos, planejamento e previsões e, em alguns casos, também existe receio de revelar estas informações. Por fim, somam-se as dificuldades de acesso à internet e a falta de tempo de quem tem como prioridade a garantia do sustento familiar. (CANEDO et ali., 2020, p. 13)

Se tratando da Baixada Fluminense e a partir de nossas experiências de pesquisadores nesse território, temos certeza de que a dificuldade de acessar informações e acessar a rede mundial de computadores (internet) deve ter influenciado no número de resposta.

Entretanto, a base de dados primários obtida pelo OBEC-BA nesse momento nos permitirá avançar no entendimento do cenário da pandemia no campo cultural da região e nos anima em prosseguir com essa investigação, pensando, quem

sabe, em uma nova rodada de pesquisa para avaliarmos o impacto das políticas emergenciais para o campo cultural a partir do segundo semestre de 2020.



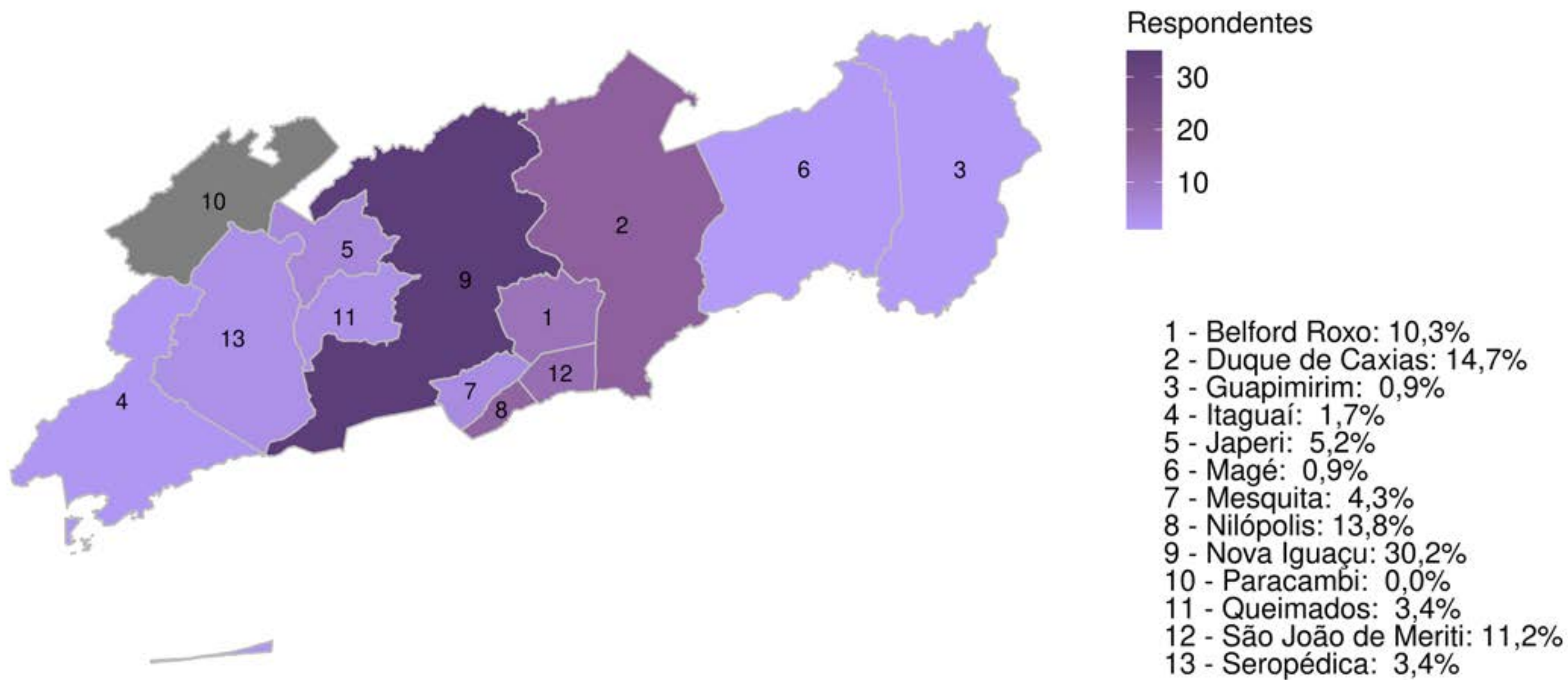
1. IDENTIFICAÇÃO DE RESPONDENTES

Fotografia: Gabriela Machado

A Baixada Fluminense é uma área do estado do Rio de Janeiro inserida em sua região metropolitana o que, por si só, já aponta para uma complexidade quanto à sua definição. De acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, a região é composta por treze cidades: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica

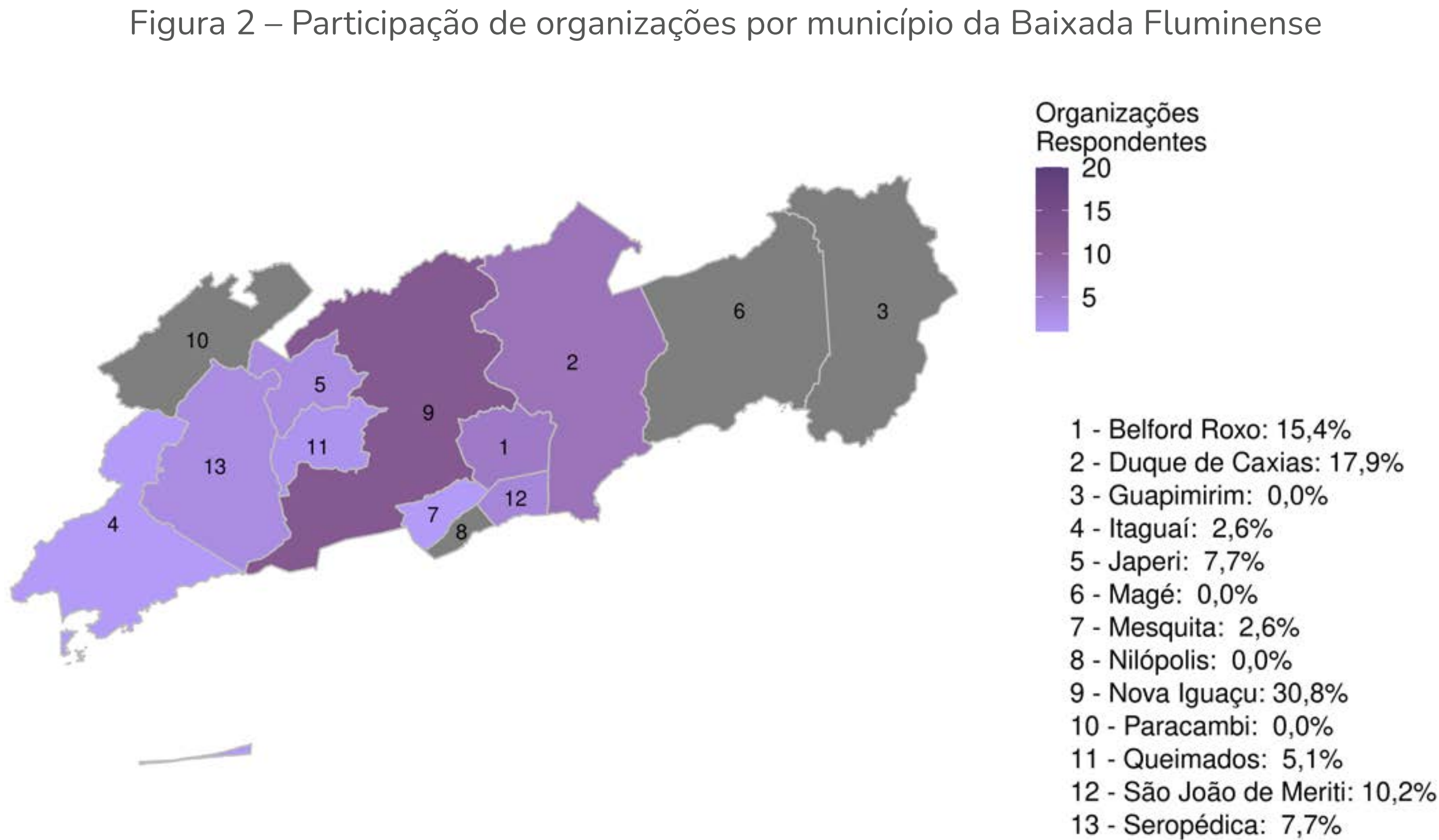
A pesquisa validou as respostas de 116 trabalhador/es de quase todos os municípios da região. O único município que não apresentou respondentes da pesquisa foi Paracambi. O município que apresentou o maior número de participantes foi Nova Iguaçu (35) seguido pelo município de Duque de Caxias (17), dois dos principais núcleos econômicos da Baixada Fluminense.

Figura 1 – Participação de indivíduos por município da Baixada Fluminense



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

Já em relação às Organizações, obtivemos a validação de 39 questionários oriundos da Baixada Fluminense. Também a maior participação foi de Organizações localizadas no município de Nova Iguaçu (12) seguido de respondentes do município de Duque de Caxias. Entretanto, ficamos sem a participação de Organizações de 04 (quatro) municípios, a saber: Guapimirim, Magé, Nilópolis e Paracambi. Em uma nova rodada da pesquisa em 2021, será importante intensificar a disseminação de informações sobre os questionários principalmente junto às Organizações destes municípios para que possamos obter um diagnóstico mais próximo da realidade da região.



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

◀ principais setores de atuação

Para identificar o principal setor de atuação dos respondentes da pesquisa na Baixada Fluminense, foram coletadas respostas de 116 trabalhadora/es e 39 organizações. Os setores de atuação mais frequente entre trabalhadora/es foram Música (19%), Cinema e Audiovisual (14,6%), Produção Cultural (12,9%), Teatro (12,9%). Já entre organizações foram os setores de Produção Cultural com 20,5%, Livro, Leitura e Literatura (15,4%), Cultura Popular (10,2%) e Música (10,2%).

Assim, temos uma diferença em relação ao levantamento da pesquisa nacional que apontou o setor de Música com maior representação tanto para trabalhadora/es como para organizações, respectivamente 15,7% e 13,3%.

Tabela 1 – Principal setor de atuação indivíduos

Principais Setores	Indiv,	Ind. %
Música	22	19,0
Cinema e Audiovisual	17	14,6
Produção Cultural	15	12,9
Teatro	15	12,9
Artes Visuais	10	8,6
Artesanato	10	8,6
Dança	5	4,3
Circo	4	3,4
Livro, Leitura e Literatura	4	3,4
Arte de Rua	3	2,5
Artes Digitais	2	1,7
Moda	2	1,7
Cultura e Juventude	1	0,9
Cultura LGBTQI+	1	0,9
Culturas Identitárias (outras)	1	0,9
Design	1	0,9
Festas e Celebrações	1	0,9
Fotografia	1	0,9
Patrimônio Imaterial	1	0,9
Total	116	100

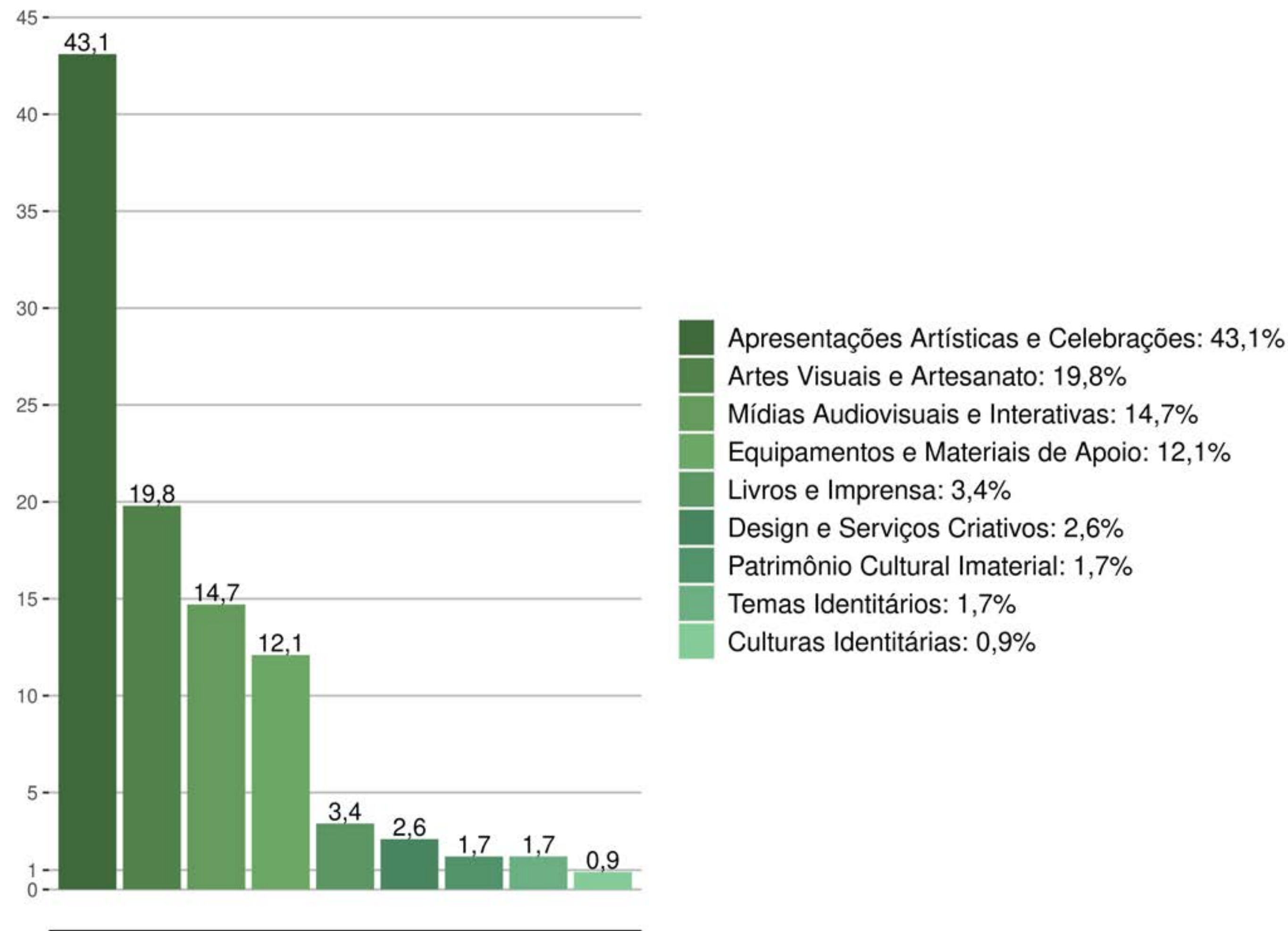
Tabela 2 – Principal setor de atuação organizações

Principais Setores	Organiz.	Org,%
Produção Cultural	8	20,5
Livro, Leitura e Literatura	6	15,4
Cultura Popular	4	10,2
Música	4	10,2
Dança	3	7,7
Cultura de Matrizes Africanas	2	5,1
Gestão Cultural	2	5,1
Teatro	2	5,1
Artes Visuais	1	2,6
Cinema e Audiovisual	1	2,6
Culturas e Infância	1	2,6
Cultura e Juventude	1	2,6
Cultura LGBTQI+	1	2,6
Formação e Mediação	1	2,6
Moda	1	2,6
Arte de Rua	1	2,6
Total	39	100

No que se refere à classificação de domínios culturais da Unesco (2009), observa-se uma predominância das Apresentações Artísticas e Celebrações, com 43,1% dos indivíduos. No caso das organizações, Apresentações Artísticas e Celebrações divide a primeira posição com Equipamentos e Materiais de Apoio, ambos com 25,6%. Em comparação com o levantamento nacional, nota-se uma similaridade, com a liderança de Apresentações Artísticas e Celebrações entre indivíduos (40,0%) e organizações (38,0%).

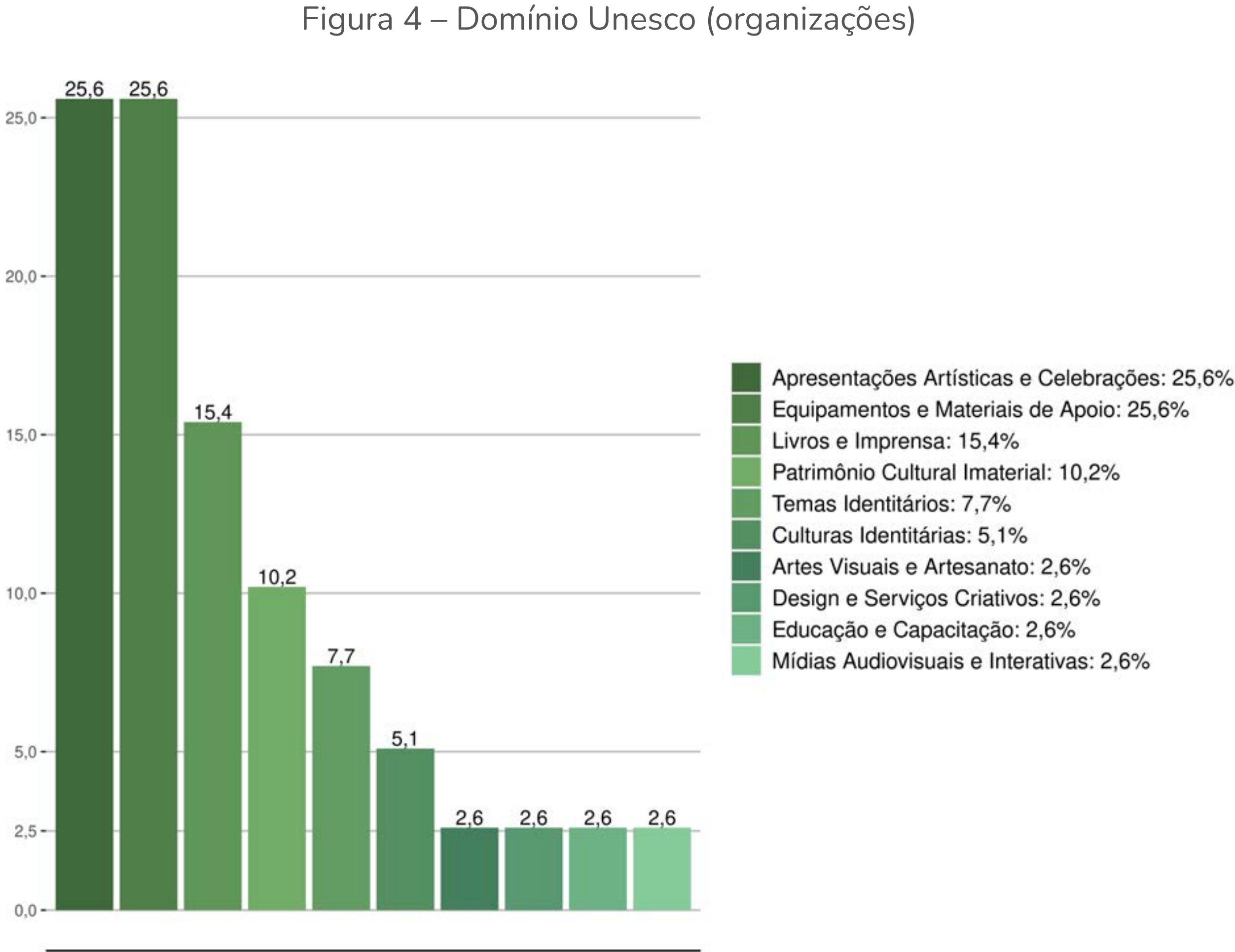
Os domínios de maior destaque entre indivíduos são: Apresentações Artísticas e Celebrações (43,1%), Artes Visuais e Artesanato (19,8%), Mídias Audiovisuais e Interativas (14,7%) e Equipamentos e Materiais de Apoio (12,1%).

Figura 3 – Domínio Unesco (indivíduos)



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

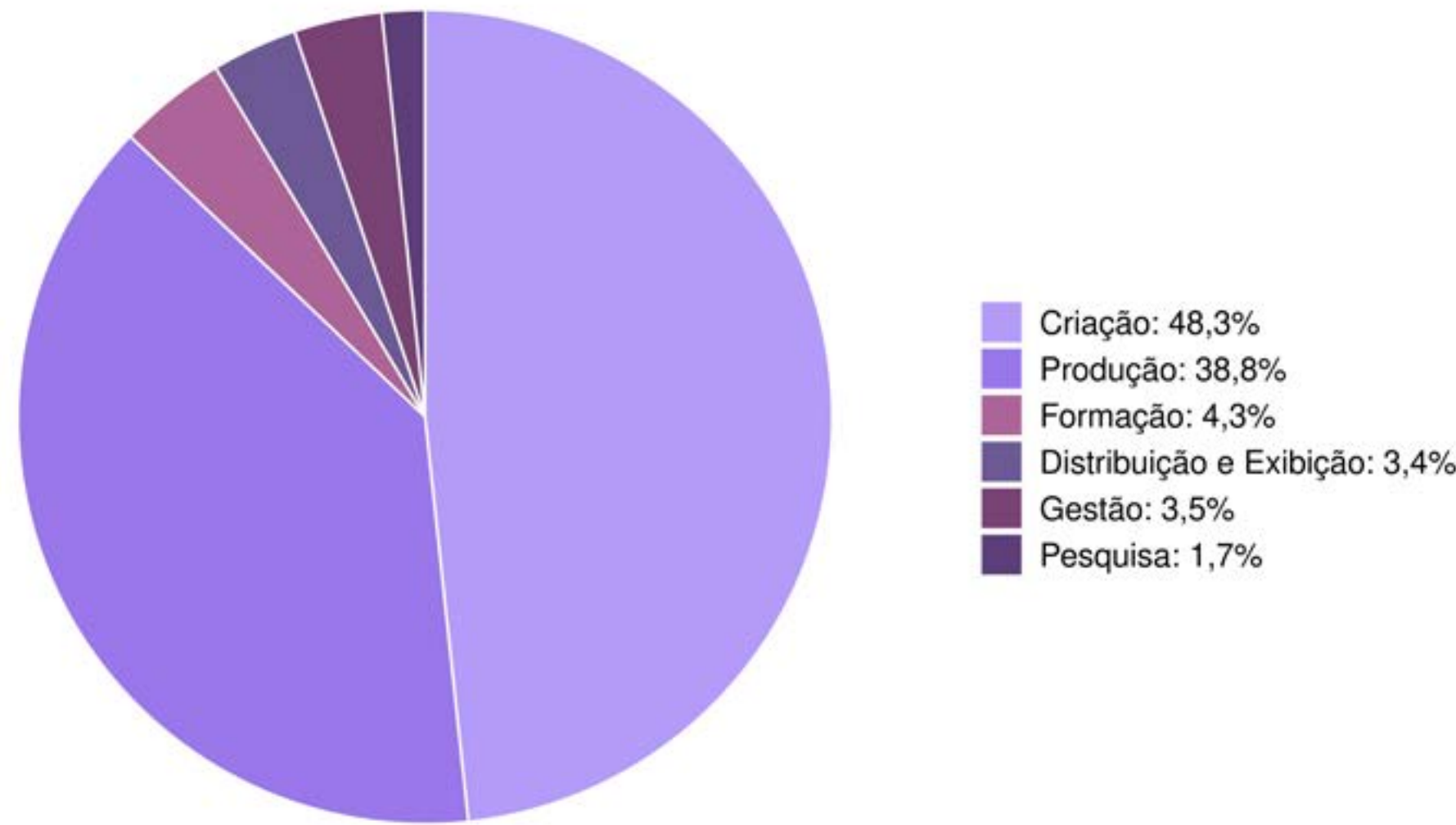
Entre as organizações (figura 4) os destaques são: Apresentações Artísticas e Celebrações (25,6%), Equipamentos e Materiais de Apoio (25,6%), Livros e Imprensa (15,4%), Patrimônio Cultural Imaterial (10,2%) e Temas Identitários (7,7%).



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

Em relação às etapas da cadeia produtiva há um amplo predomínio das etapas de Criação (48,4%) e Produção (38,8%) entre indivíduos respondentes, resultado muito próximo ao levantamento nacional, que aponta Criação (37,5%) e Produção (31,9%).

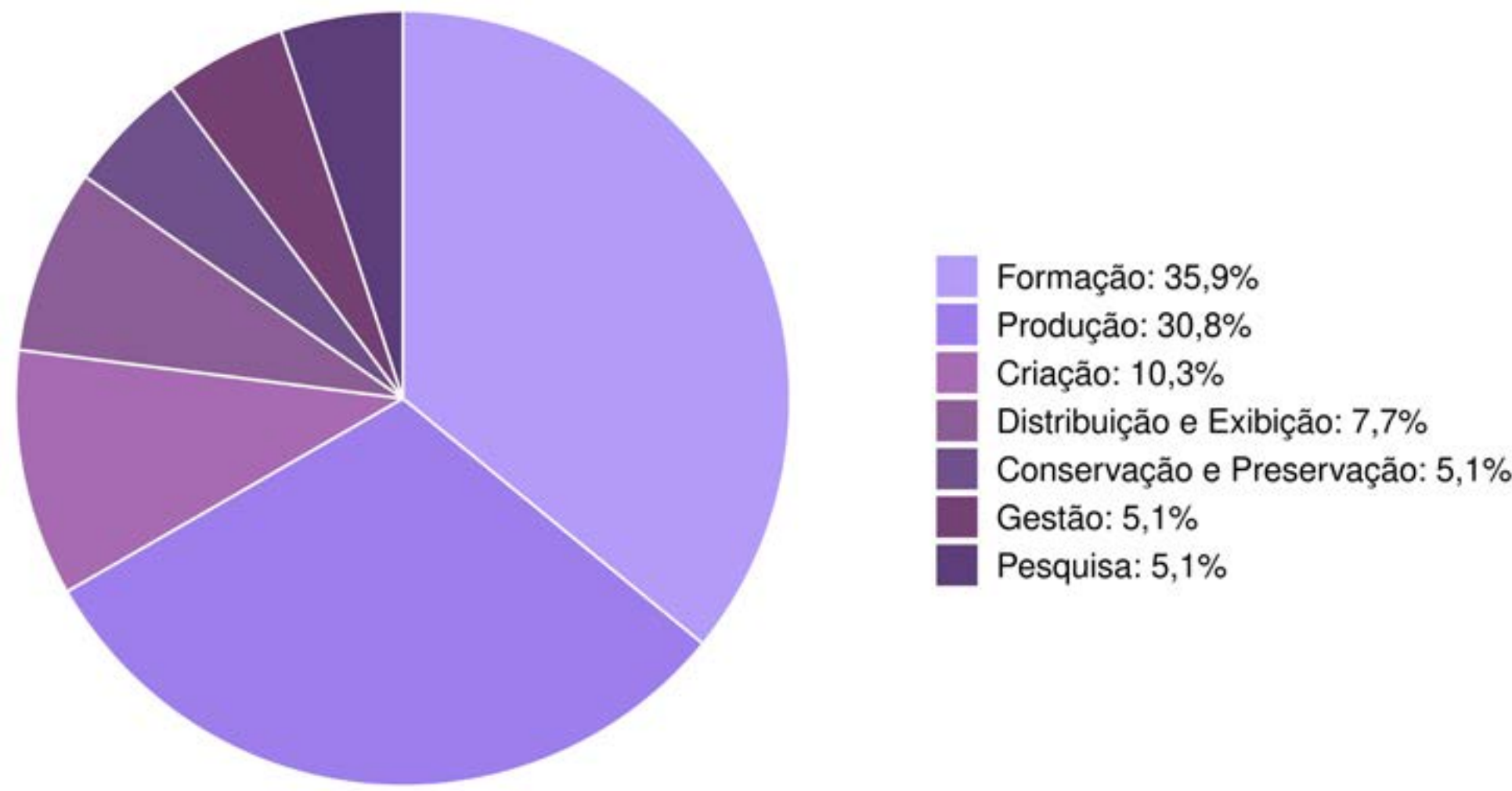
Figura 5 – Etapa da cadeia produtiva da principal atividade profissional (indivíduos)



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

Já nas organizações, como pode ser visto na figura 6, a liderança é da etapa de Formação (35,9%), seguida de Produção (30,8%) e Criação (10,3%), divergindo do levantamento nacional, que assinalou Produção (30,7%), Criação (19,3%) e Formação (17,5%).

Figura 6 – Etapa da cadeia produtiva da principal atividade profissional (organizações)



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

2. **PERFIL DE RESPONDENTES**

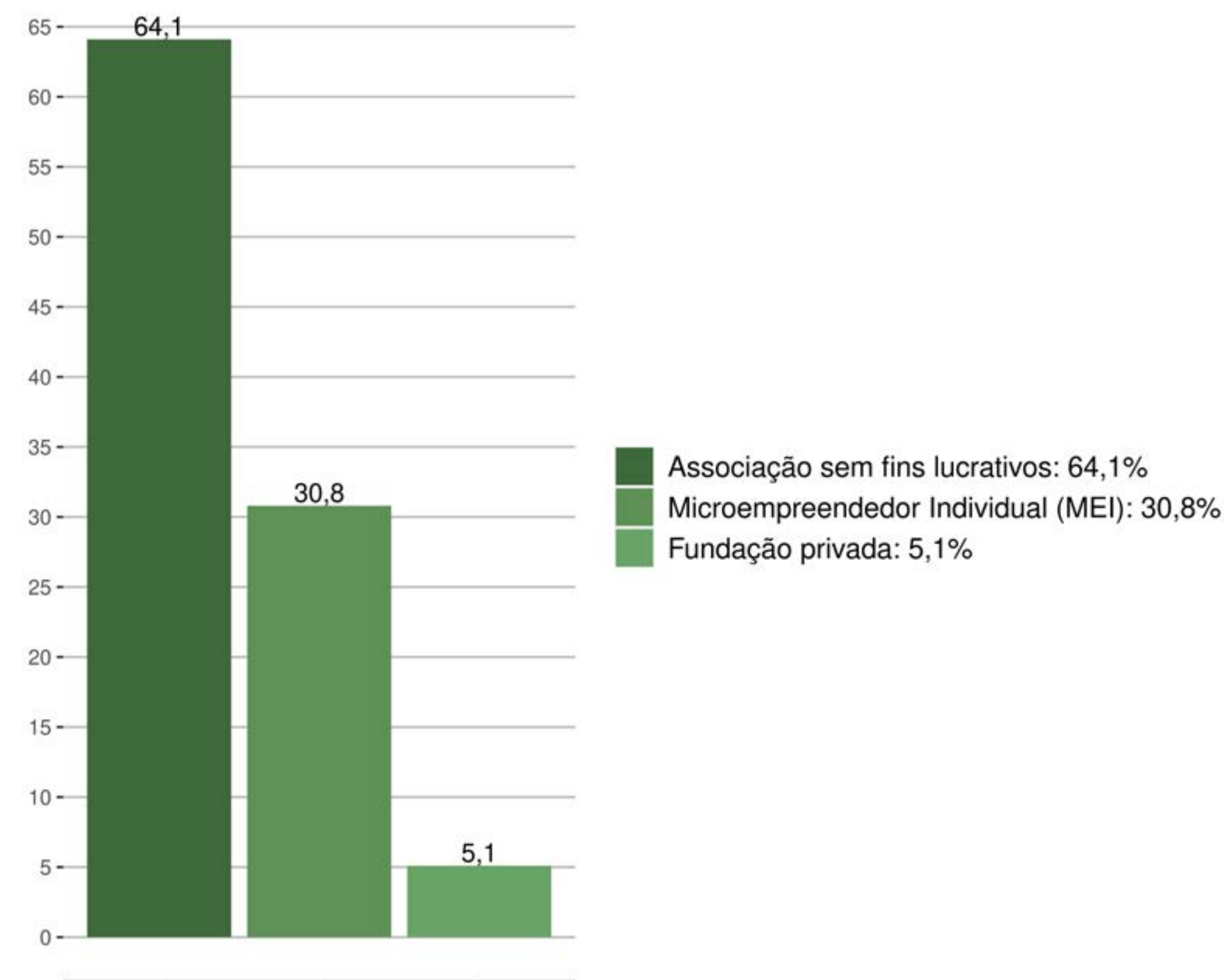
Fotografia: Camila Guimarães

Na identificação do perfil das organizações respondentes do questionário na Baixada Fluminense, optou-se em registrar a autodeclaração das mesmas. A grande maioria, 64,1%, respondeu ser Associação sem fins lucrativos, 30,8% se classificam como Microempreendedor Individual (MEI) e 5,1% como Fundação Privada.

Apesar do baixo número de respondentes em relação à quantidade de grupos e coletivos culturais da Baixada Fluminense, o resultado também acompanha os números observados quando analisamos o perfil das organizações em nível nacional, com algumas ressalvas. Dentre os respondentes de todos os estados, Empresa Limitada aparece como a segunda classificação mais apontada (20,6%), classificação essa que não aparece entre os respondentes da Baixada Fluminense.

O número expressivo de Associações sem fins lucrativos respondentes, quando fazemos um recorte territorial da Baixada Fluminense, corrobora outras pesquisas realizadas na região onde se observou o elevado número de coletivos e

Figura 7 – Tipo de organização



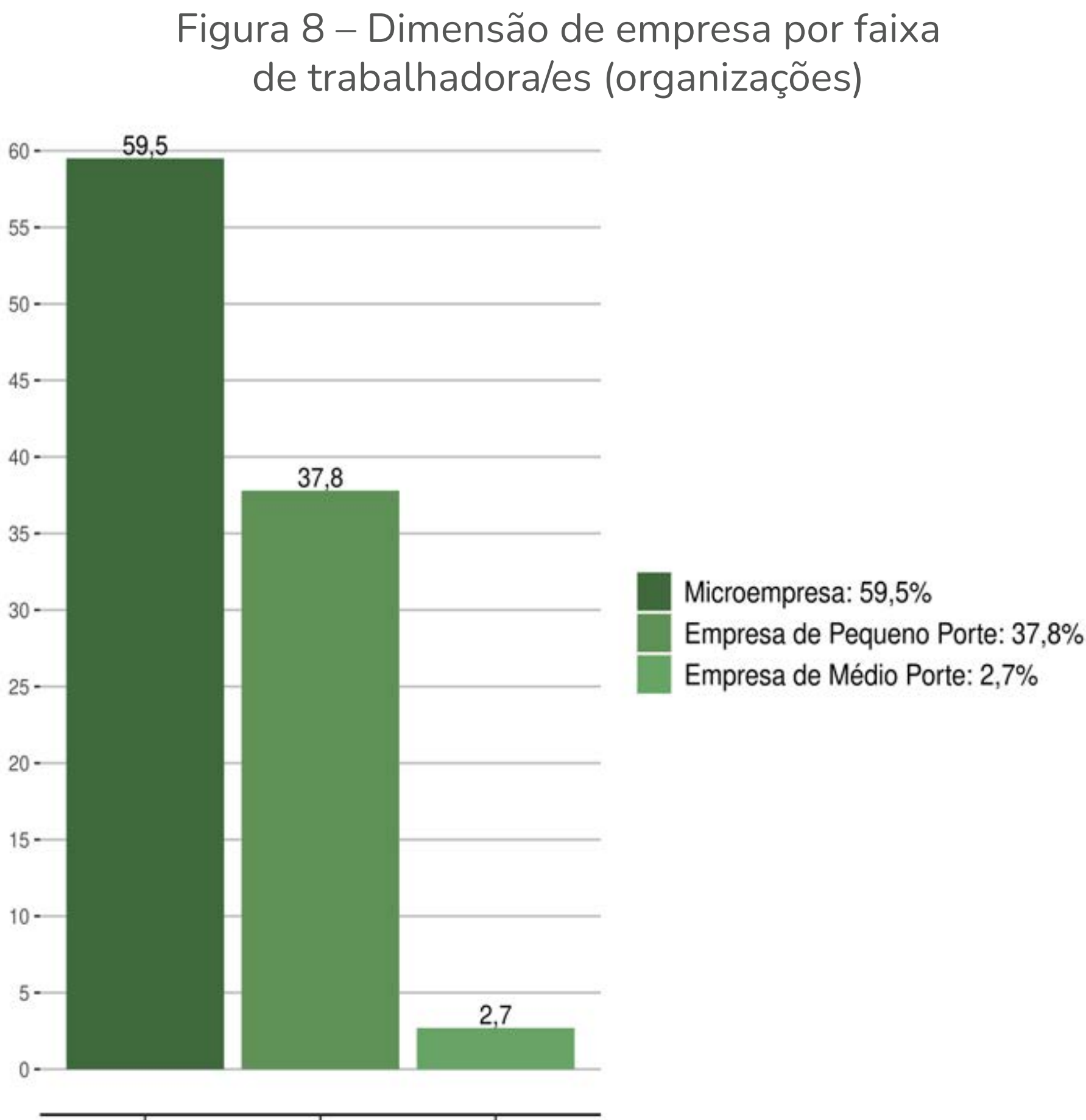
Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

grupos culturais¹. Em novos estudos iremos nos aprofundar nessa classificação e tentar confirmar a hipótese apresentada.

As organizações também apresentaram dados acerca da quantidade de trabalhadora/es fixos que fazem parte da equipe. A partir dessa informação, as organizações foram categorizadas por porte, levando em conta a classificação do SEBRAE para o setor de serviços. Das 38 organizações que responderam essa questão, 59,5% são identificadas como porte de Microempresas (até 9 trabalhadora/es). Analisando esses dados, percebe-se que 97,2 % das respostas são compostas por organizações que se enquadram nas categorias “microempresas” e “empresas de pequeno porte”, enquanto somente 2,7% corresponde às empresas de médio porte e nenhuma empresa de grande porte consta na pesquisa.

Os dados nacionais, como os dados da Baixada Fluminense, indicam que a maior parte das respostas se enquadra

como microempresa e empresa de pequeno porte, somando 90,9% do total de organizações respondentes.



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração Própria.

¹ Ver PROGRAMA BRASIL PRÓXIMO. Mapeamento dos Grupos Criativos da Baixada Fluminense: Relatório Final. Rio de Janeiro, 2015.

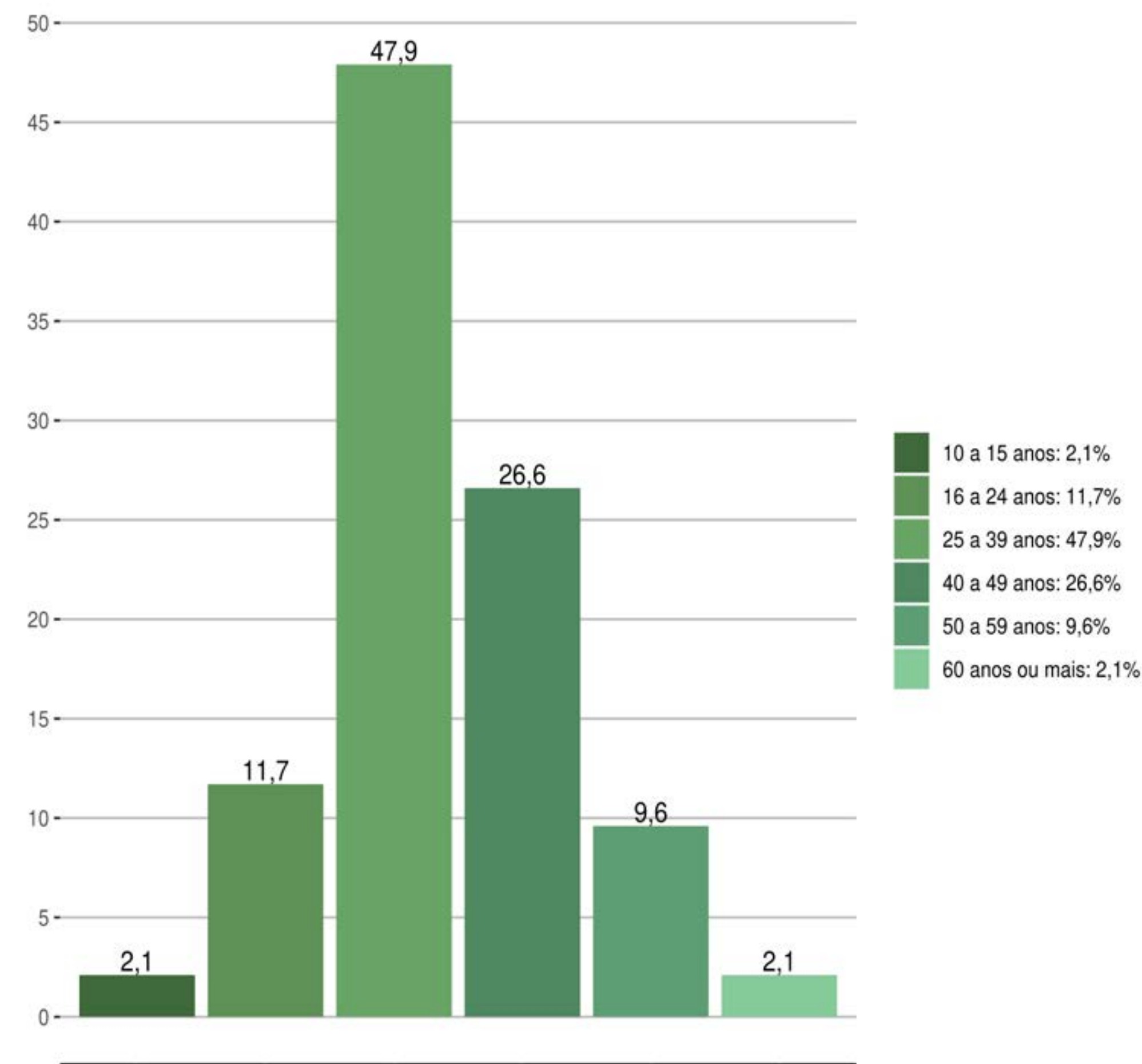
◀ perfil dos indivíduos

26

Ainda buscando obter maior qualificação do perfil de respondentes, foi perguntado sobre sua faixa etária. Entre os indivíduos, 22 não responderam à questão. Tivemos 48,0% de respondentes com idade entre 25 e 39 anos, seguidos por indivíduos entre 40 e 49 anos com 27,0%.

Em nível nacional encontramos um total de 46,0% com idade entre 25 e 39 anos e 27,0% de respondentes na faixa entre 25 e 49 anos, muito próximo ao encontrado no recorte de análise do território para os municípios da Baixada Fluminense.

Figura 9 – Faixa etária

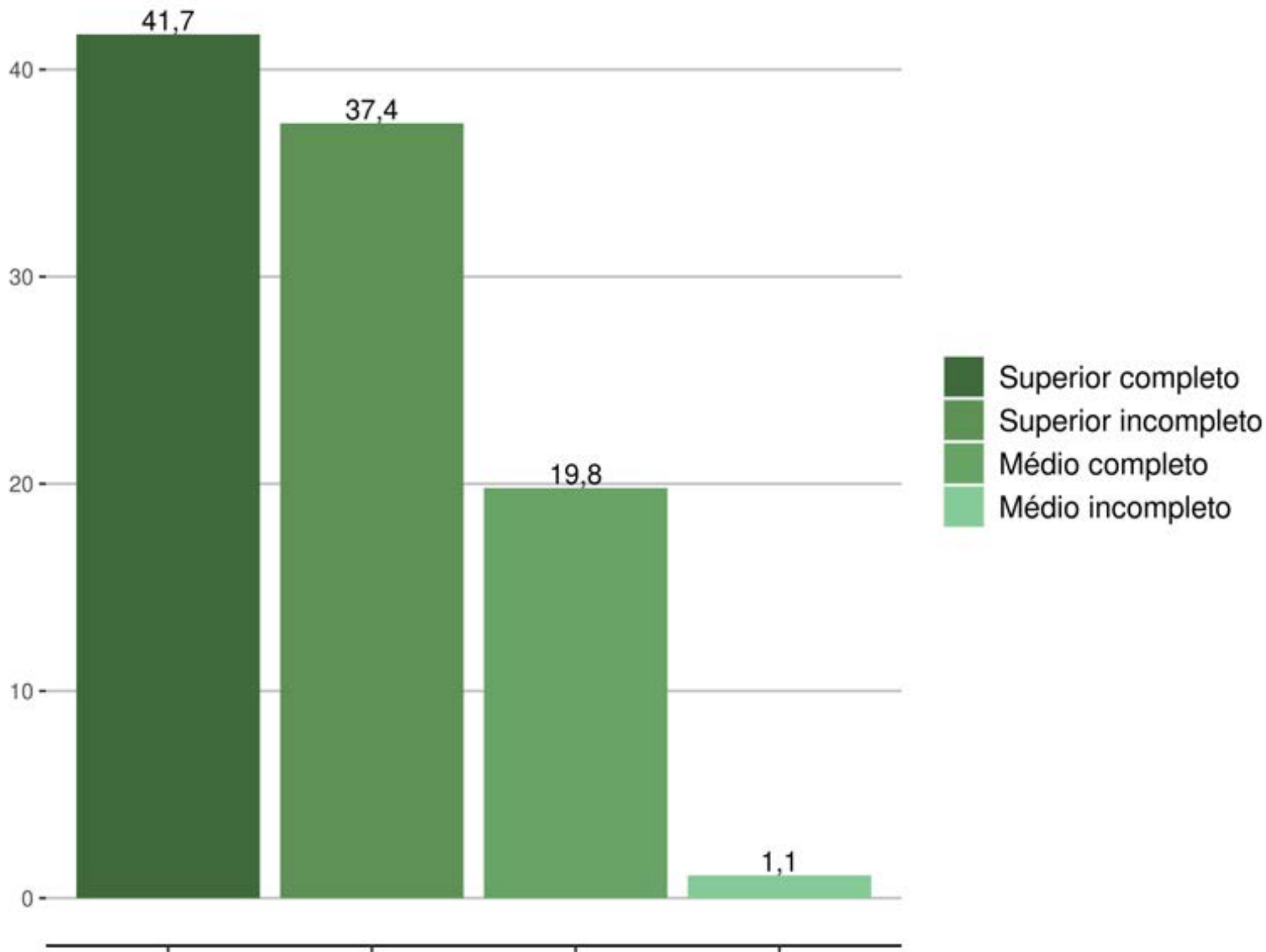


Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

Com relação à escolaridade dos indivíduos respondentes ao questionário na Baixada Fluminense, 25% não responderam. Assim, dos respondentes temos que a maior parte tem o ensino superior completo (42,0%), seguida pelos que têm o ensino superior incompleto (37,0%) e o ensino médio completo (20,0%). Apenas 1 (um) respondente tem o ensino médio incompleto.

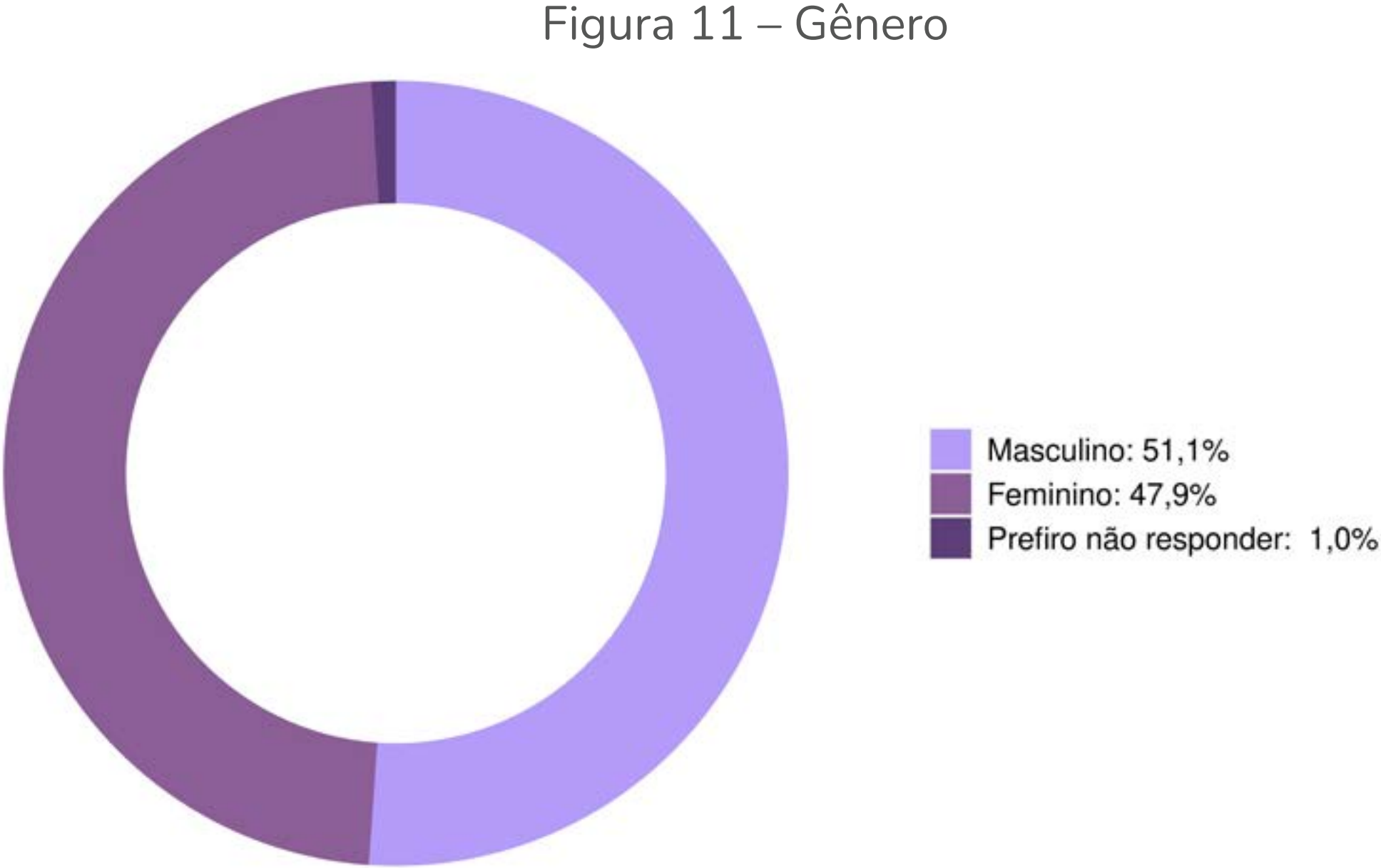
Os percentuais obtidos para a Baixada Fluminense mantêm o mesmo perfil para os obtidos na pesquisa com todos os estados do país.

Figura 10 – Nível de escolaridade dos respondentes



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

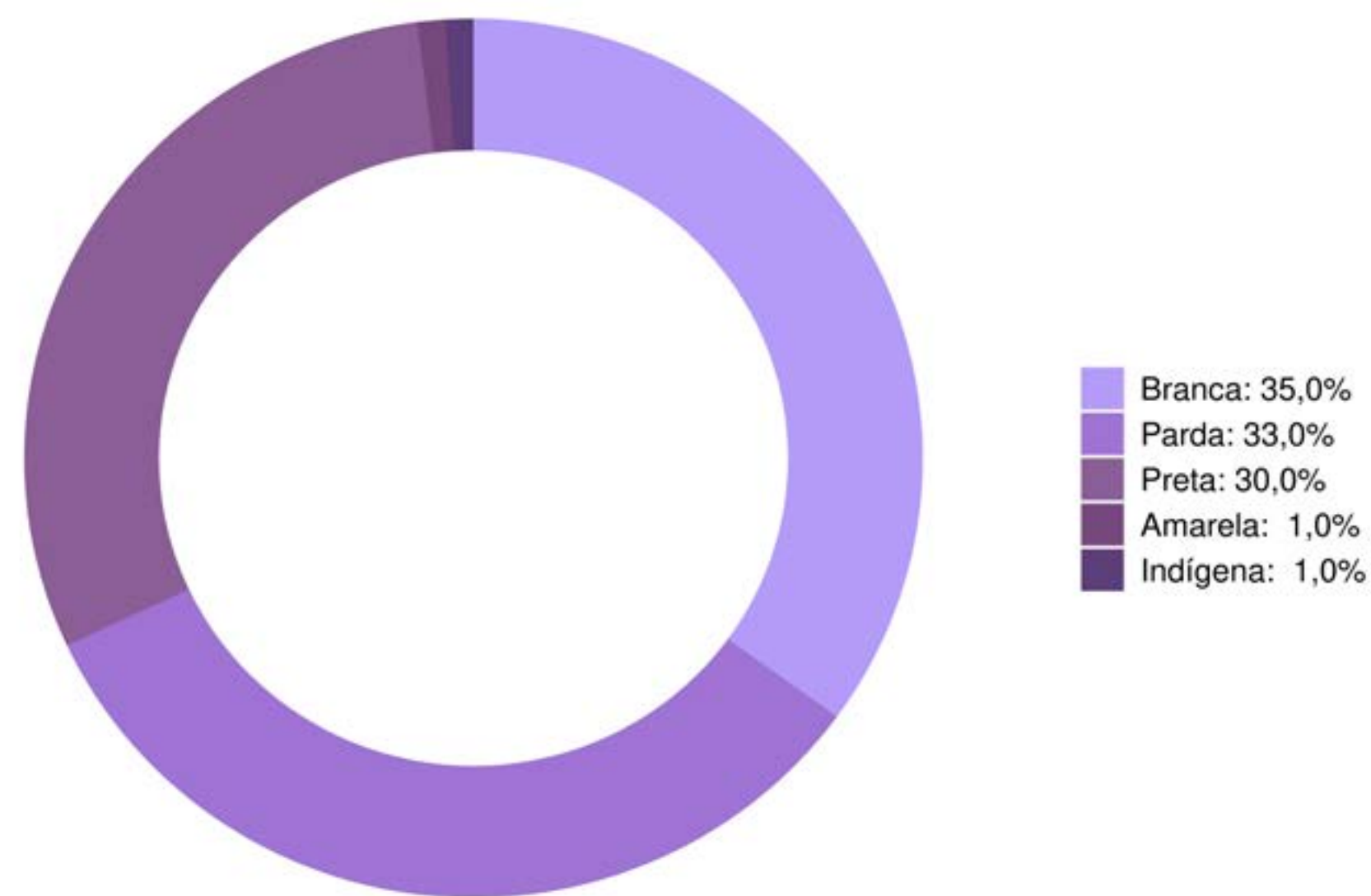
No que tange ao gênero das/os entrevistadas/os foram colocadas as seguintes opções para os indivíduos: feminino, masculino, não-binário ou prefiro não responder. Mesmo com a possibilidade de marcar a opção “prefiro não responder”, 22 respondentes nada assinalaram na pergunta. Dentre as respostas válidas (94) houve um equilíbrio: 51,1% assinalaram a opção Masculino e 47,9% Feminino. Nos resultados obtidos para o país, tivemos um maior número respondentes do gênero feminino.



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

Buscamos traçar o perfil de raça/cor dos indivíduos respondentes na Baixada Fluminense. Mantendo o padrão de abstenção nas questões relacionadas a identificação dos indivíduos, 22 não responderam à pergunta. Tivemos, assim, que 35,0% se autoidentificaram como raça/cor branca, 33,0% parda e 30,0% preta. Apenas 1 indivíduo se autoidentificou como indígena e outro se autoidentificou como amarela.

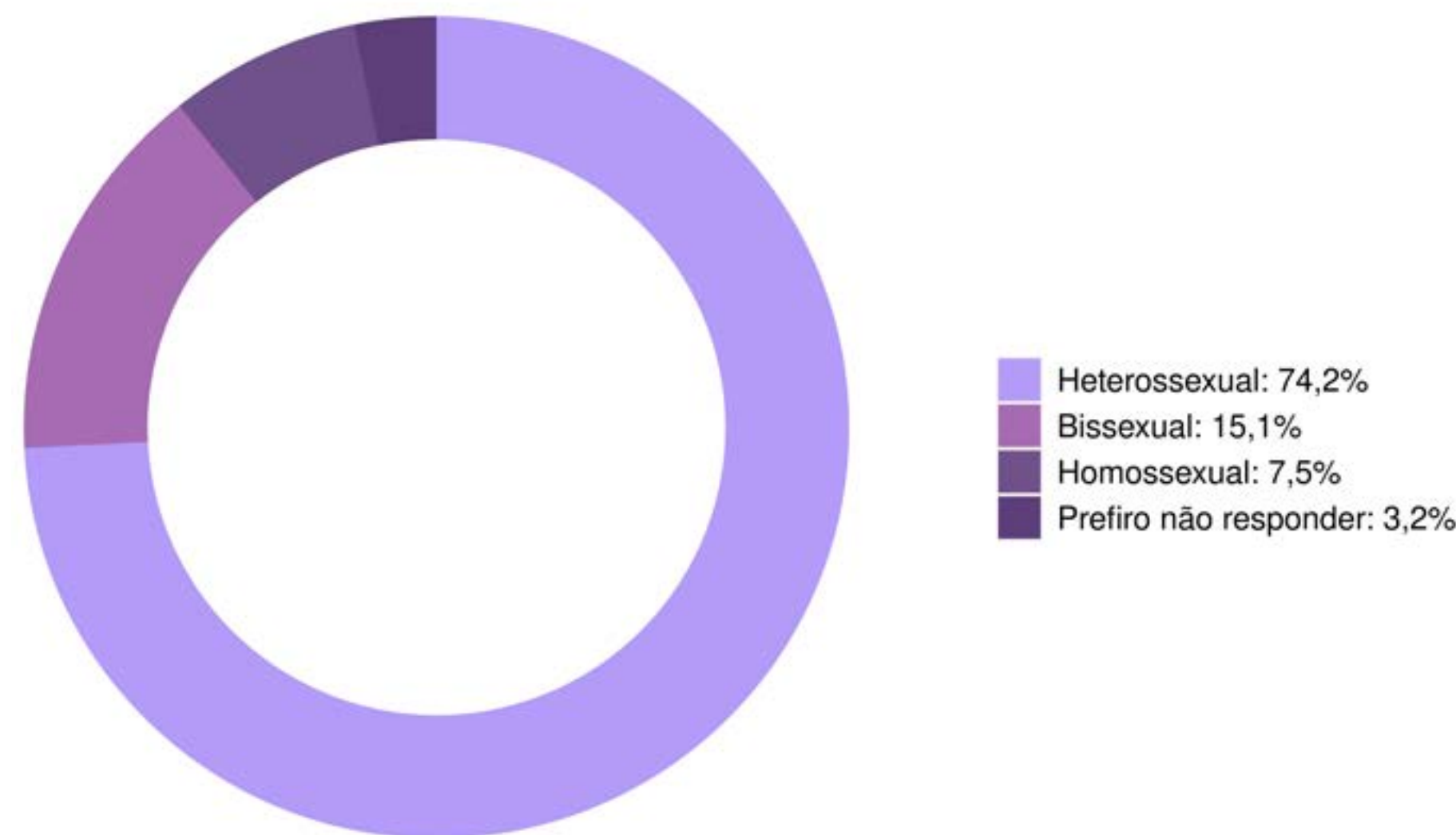
Figura 12 – Cor/Raça



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

Segundo a orientação sexual dos respondentes da Baixada Fluminense (93 indivíduos), 74,0% se declararam heterossexual, 15,0% bissexual, 7,5% homossexuais e 3,5% preferiram não responder a essa questão. Comparando com o resultado obtido nacionalmente, a maioria também se declarou heterossexual (71,1%) sendo que, porém, logo a seguir vem homossexuais (11,8%) em segundo lugar.

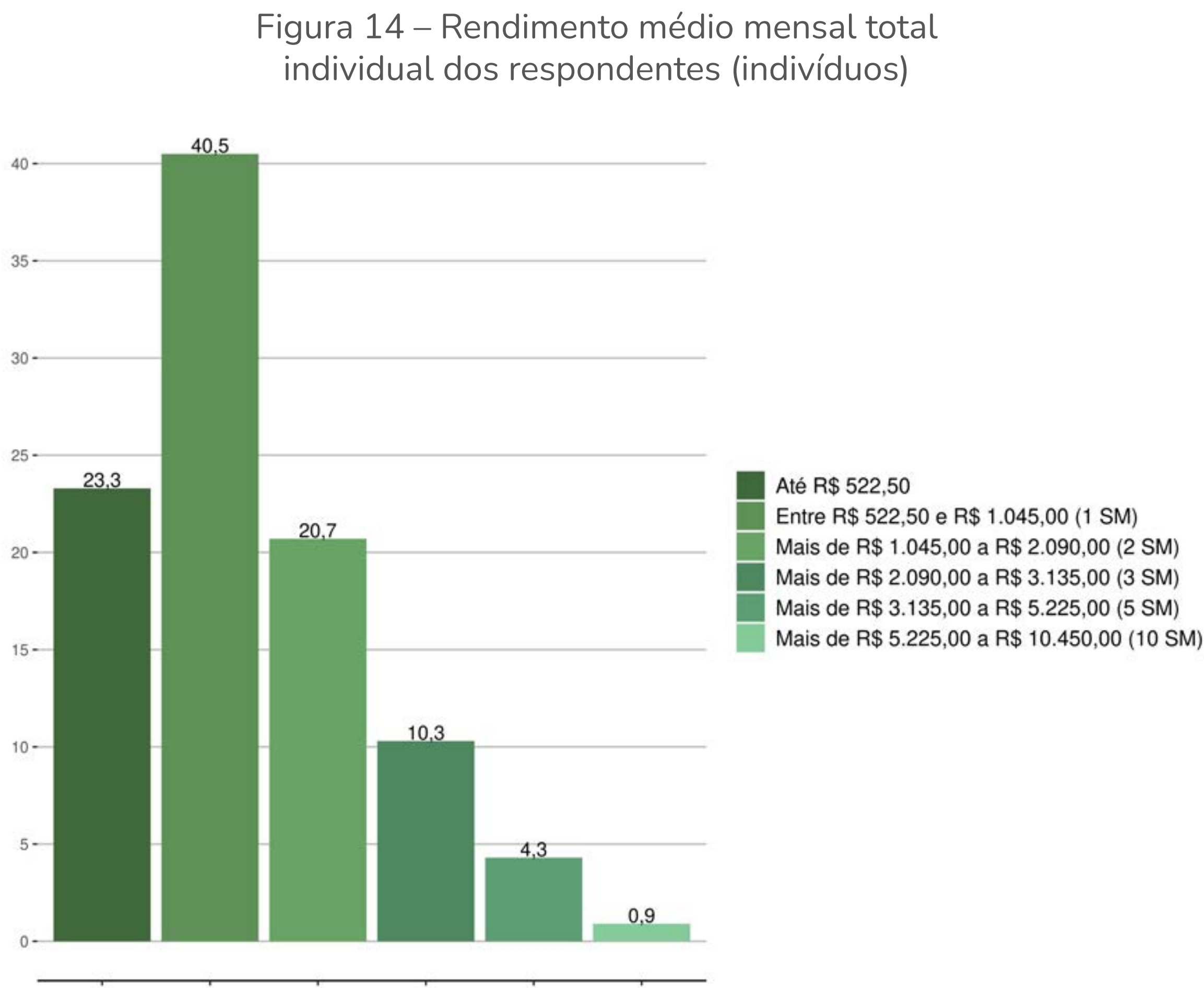
Figura 13 – Orientação sexual



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

◀ **características da ocupação
dos profissionais da cultura**

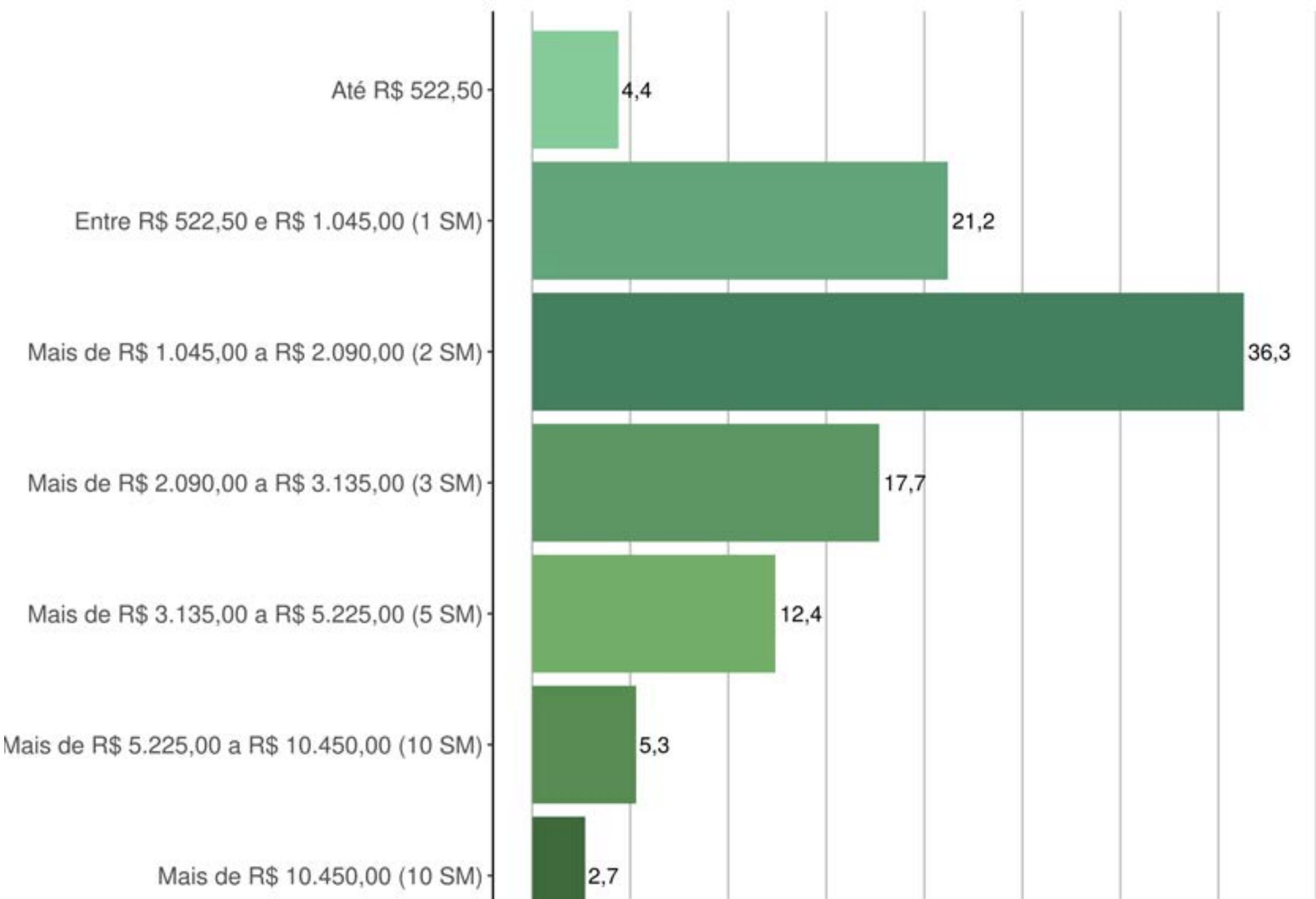
Em relação ao rendimento médio mensal total dos indivíduos, a partir das 116 respostas que representam a Baixada Fluminense, 63,8% afirmaram possuir renda individual de até um salário-mínimo por mês, representando uma remuneração média menor do que no caso da pesquisa nacional, onde os respondentes que ganham até um salário-mínimo representam 31,2%. Ampliando a faixa de renda para até três salários-mínimos por mês, abarcamos 94,8% de respondentes da Baixada Fluminense, enquanto na pesquisa de âmbito nacional este número é de 71,3%. Ademais, apenas 0,9% dos respondentes da Baixada afirmam possuir renda superior a cinco salários-mínimos, enquanto no levantamento nacional este número chega a 3,0%. Estes dados explicitam o caráter de baixa renda dos trabalhadores e trabalhadoras da cultura da Baixada Fluminense.



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

A figura 15 apresenta o rendimento médio mensal das famílias dos respondentes da Baixada Fluminense. Pode-se observar que, 25,6% afirmam que o rendimento familiar é de até um salário-mínimo. Enquanto para 36,3% dos indivíduos o rendimento mensal de suas famílias está entre um a dois salários-mínimos. Enfim, apenas 20,4% dos respondentes afirmam que o rendimento mensal de suas famílias está acima de três salários-mínimos.

Figura 15 – Rendimento médio mensal das famílias (indivíduos)

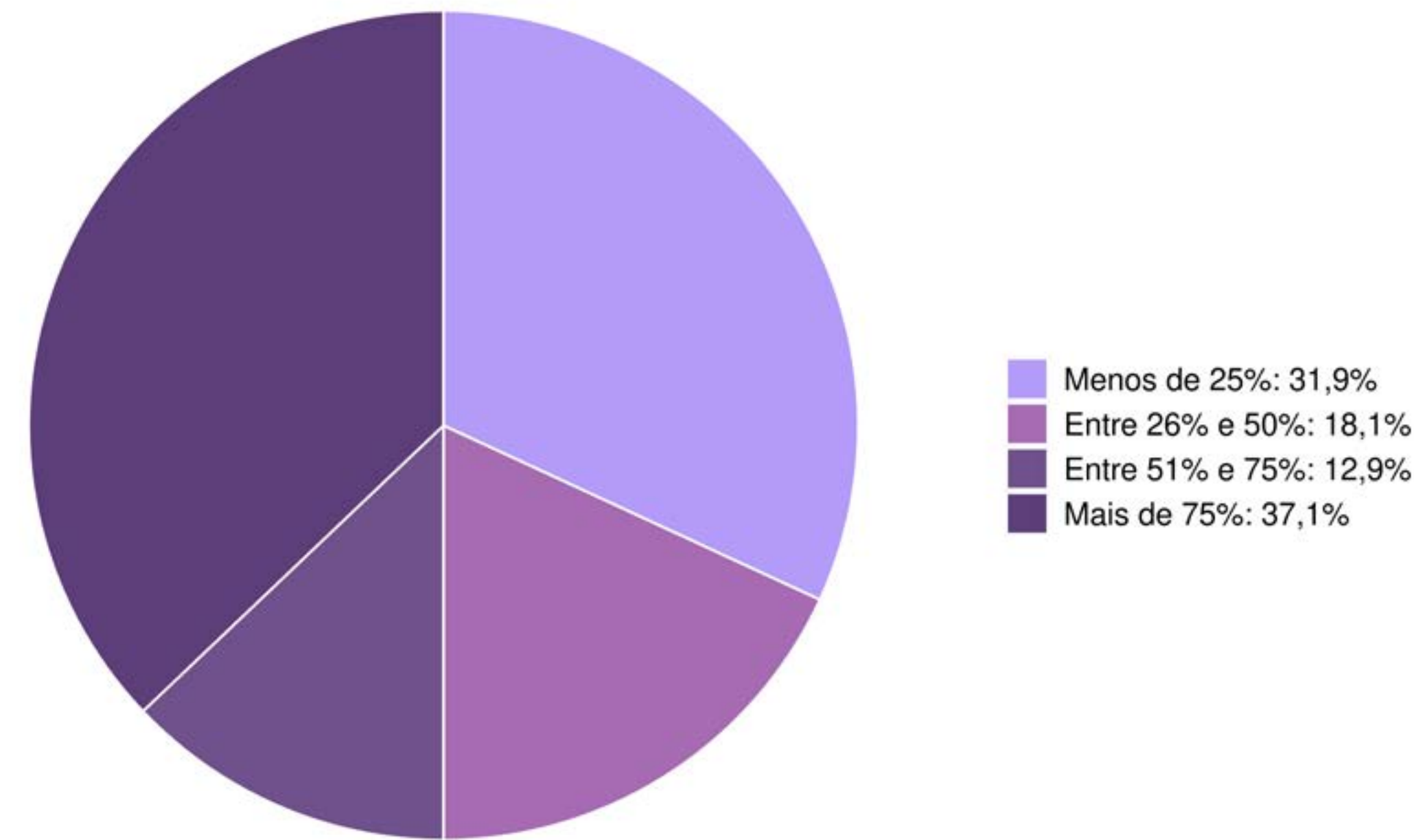


Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

Com relação à participação da renda proveniente da atividade cultural na sua renda total, pudemos inferir que para 50,0% dos indivíduos da Baixada Fluminense a atividade cultural representa menos ou até a metade de sua remuneração, enquanto o restante provém de outras fontes. Na pesquisa de âmbito nacional este número é de 34,5%, mostrando que a renda advinda do campo da cultura é mais representativa na sua remuneração total do que para os respondentes da Baixada.

Isso fica mais visível quando constatamos que para apenas 37,1% dos respondentes da Baixada Fluminense a atividade cultural representa mais de três quartos de sua renda total, enquanto para mais da metade dos respondentes (52,0%) no levantamento nacional a cultural é responsável por 75,0% ou mais da sua renda.

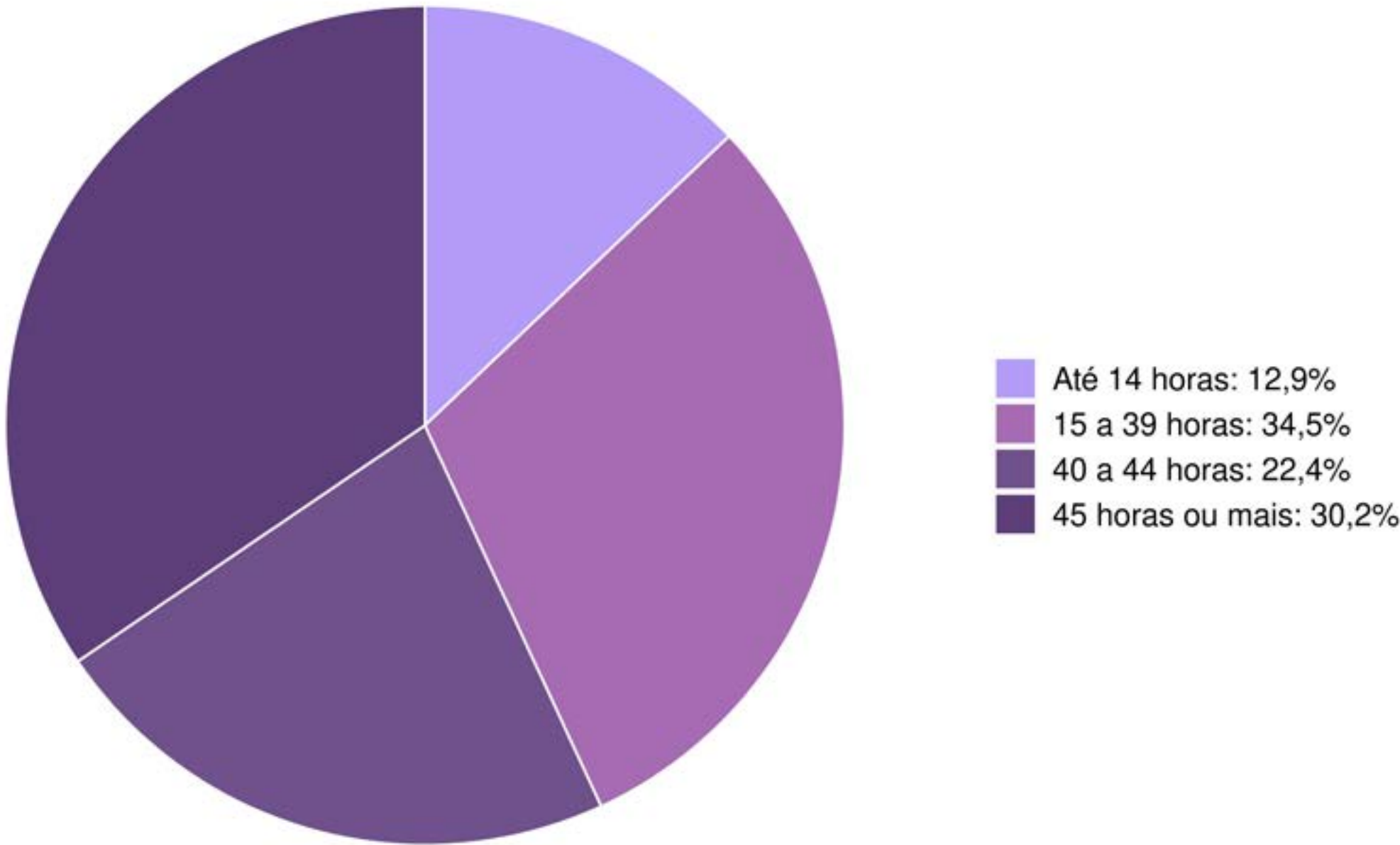
Figura 16 – Representação da atividade no campo da cultura na remuneração total (indivíduos)



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

Em relação ao tempo dedicado à atuação no campo da cultura, 52,6% dos respondentes da Baixada Fluminense dedicam 40 horas ou mais por semana à atuação cultural de forma profissional, enquanto 12,9% dedicam até 14 horas. Percebe-se, deste modo, que há uma sintonia entre a pesquisa nacional e a pesquisa focada na Baixada Fluminense, dado que os números nacionais mostram que 57,2% dedicam 40 horas ou mais por semana à atuação cultural e 13,3% dedicam até 14 horas. Portanto, é possível afirmar que os rendimentos dos respondentes são provenientes, em sua maioria, do trabalho cultural. Por outro lado, muitos trabalhadores do setor buscam em outras atividades uma complementação da renda, o que torna evidente o risco de afastamento permanente destes profissionais de suas atividades na área cultural caso os efeitos da crise sanitária sejam de larga duração.

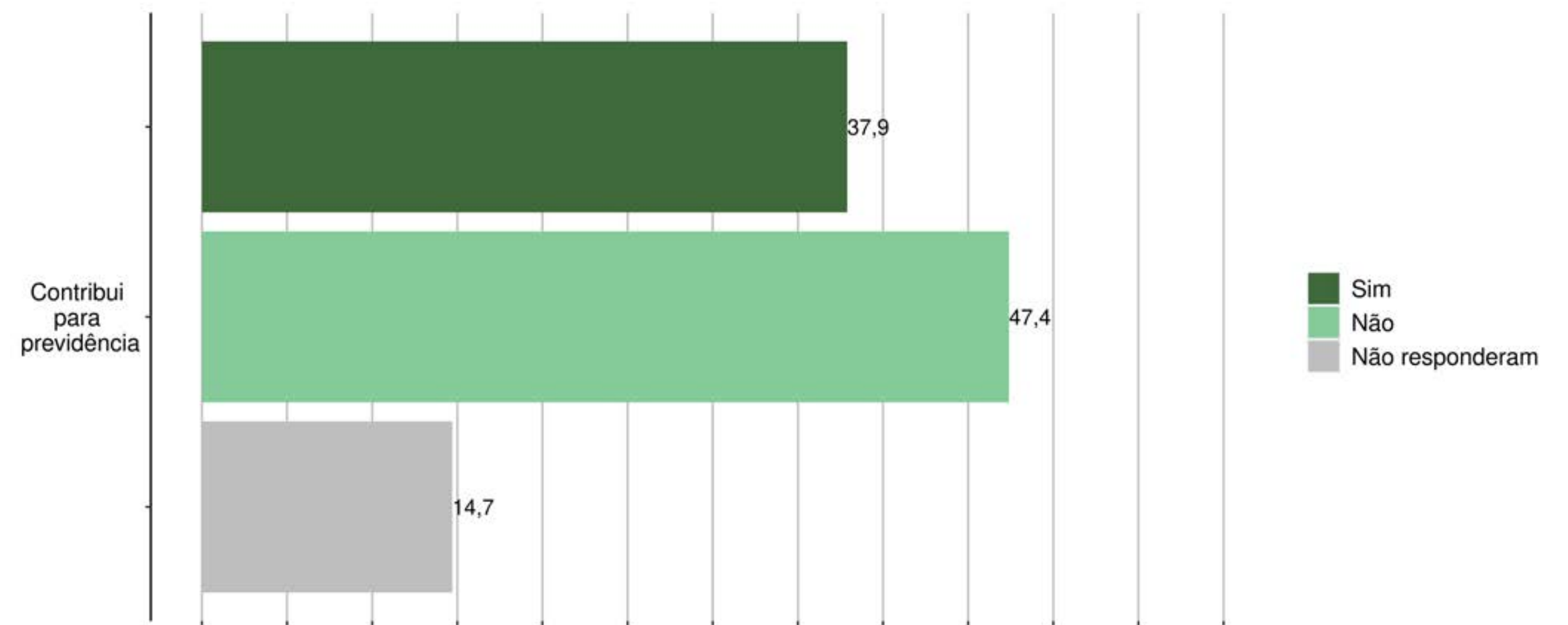
Figura 17 – Quantidade de horas semanais dedicadas à atuação no campo da cultura (indivíduos)



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia
Criativa – OBEC/BA. Elaboração Própria.

Procuramos identificar, nessa seção, qual o grau de proteção social dos profissionais da cultura da Baixada Fluminense. Dentre os 116 respondentes, 37,9% responderam que contribuem para a previdência. É um dado preocupante, pois demonstra a fragilidade da seguridade social na Baixada Fluminense.

Figura 18 – Grau de proteção social dos indivíduos

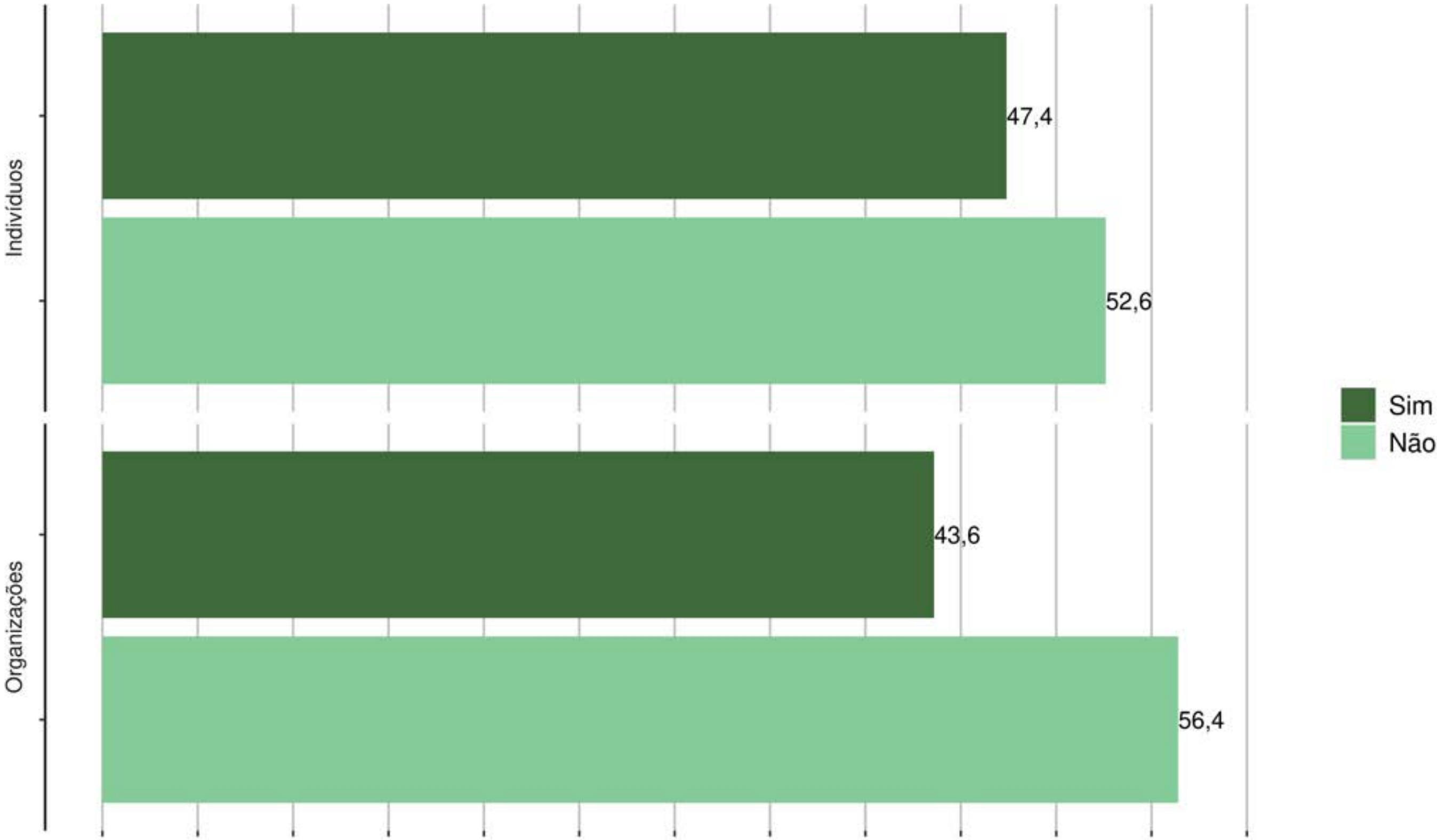


Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

Adicionalmente, 47,4% dos indivíduos que responderam à pesquisa na Baixada Fluminense apresentam adesão a associações, sindicatos ou outros organismos políticos de representação e coletividade na área, frente a 52,6% que não possuem qualquer vínculo. O percentual dos indivíduos associados na Baixada Fluminense está acima da pesquisa nacional que apresenta 40,1% dos respondentes.

O mesmo acontece com as organizações, das quais 43,6% participam de associações, acima da porcentagem nacional de 36,8% das organizações. Porém, comparando com os não associados, esses dados indicam uma possível fragilidade do setor perante a esforços coletivos de organização política.

Figura 19 – Possui vínculo ou participa de alguma associação de classe, sindicato, coletivo ou similares.



Fonte: Questionários da pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa. Elaboração própria.

3. IMPACTOS



Fotografia: Carine Felgueiras

Desde o começo da pandemia tem-se dito que o setor cultural foi o primeiro a parar e será o último a retomar suas ações presenciais. No intuito de mensurar este importante impacto, foi solicitado aos respondentes que informassem a perspectiva de adiamento ou cancelamento das atividades. Foram 96 respostas de indivíduos e 29 de organizações da Baixada Fluminense. Deste total, a maioria informou que teve entre 76% e 100% das atividades adiadas ou canceladas nos meses de abril, maio e junho. Este resultado é bem próximo ao obtido no levantamento nacional.

Tabela 3 - Atividades adiadas, canceladas ou com cancelamento previsto

% atividades adiadas, canceladas ou com cancelamento previsto	Tipo de respondente	março %	abril %	maio %	junho %	2º sem. %
até 25% das atividades	Indivíduos	17,7	5,2	3,1	1,0	2,1
	Organizações	17,2	0,0	0,0	0,0	3,4
entre 26% e 50% das atividades	Indivíduos	15,6	5,2	8,3	11,5	10,4
	Organizações	6,9	6,9	3,4	6,9	3,5
entre 51% e 75% das atividades	Indivíduos	8,3	11,5	11,5	10,4	8,3
	Organizações	13,8	24,1	24,1	20,7	17,2
entre 76% e 100% das atividades	Indivíduos	41,7	63,5	59,4	55,2	29,2
	Organizações	55,2	65,5	69,0	69,0	31,0
não se aplica	Indivíduos	2,1	1,0	1,1	2,1	4,2
	Organizações	0,0	0,0	0,0	0,0	3,5
não tenho como estimar	Indivíduos	7,3	11,5	13,5	14,6	40,6
	Organizações	3,4	0,0	0,0	0,0	37,9
nenhuma	Indivíduos	7,3	2,1	3,1	5,2	5,2
	Organizações	3,5	3,5	3,5	3,4	3,5

Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/Ba. Elaboração própria.

◀ **capacidade de se manter sem as fontes de receita da cultura**

38

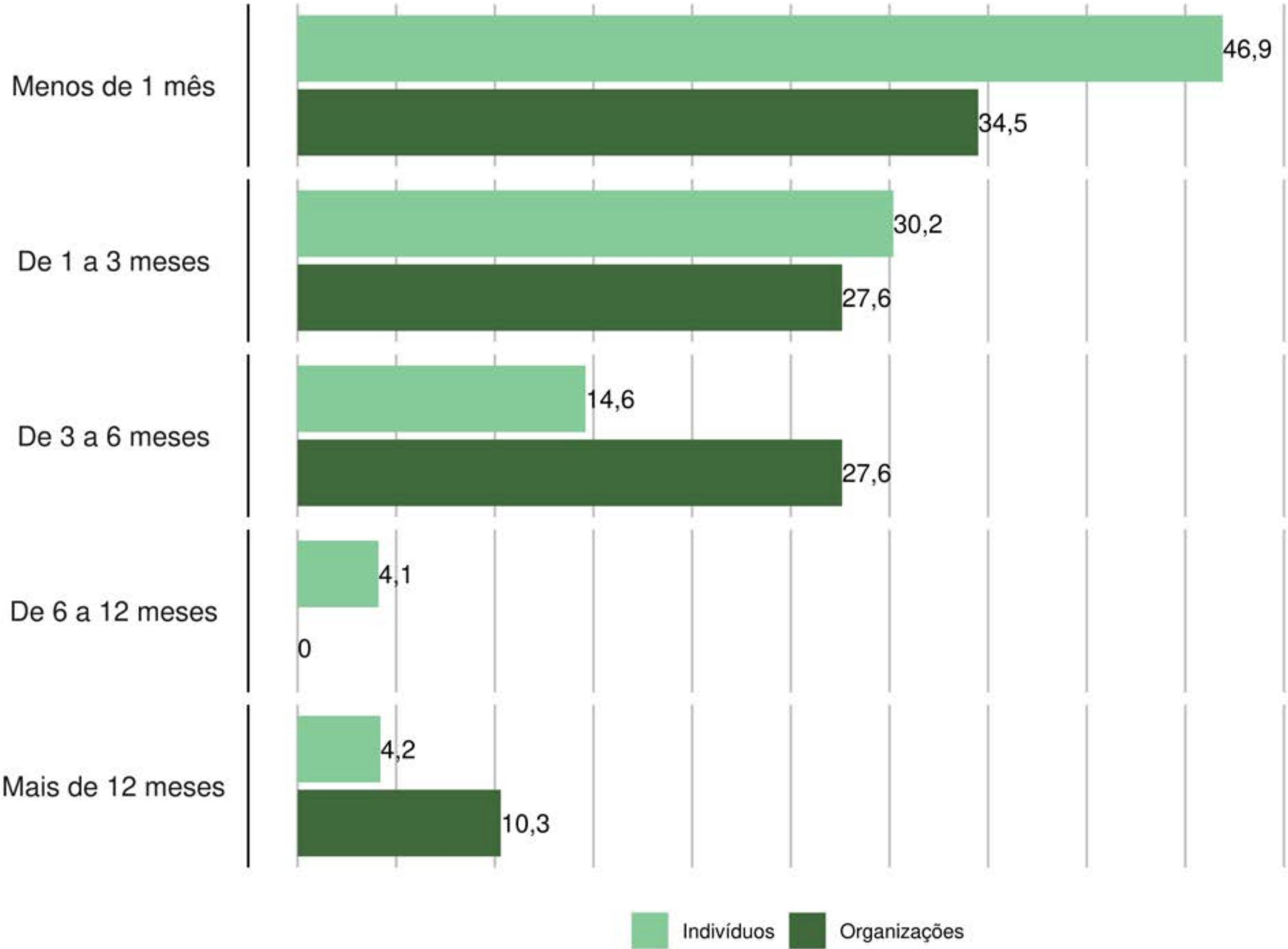
Desde o início da pandemia vimos que o setor cultural seria um dos mais impactados no país. Tentando mensurar o impacto junto aos indivíduos e organizações, foi questionado o tempo que eles previam ser possível se manter com suas atividades paralisadas.

Em nível nacional, as respostas apontaram que 71,2% dos indivíduos e 77,8% das organizações teriam reservas financeiras para um período máximo de três meses. Levando em conta que as respostas ocorreram em fases diferentes da pandemia e que os últimos responderam no final de julho de 2020, podemos inferir que esses apontavam para até o final de outubro de 2020 como data limite para sobreviver, seja como trabalhador, seja como organização.

No caso específico da Baixada Fluminense, os resultados também apontaram para um cenário mais agudo para as trabalhadoras e trabalhadores da economia criativa, pois quase a metade (46,9%) respondeu ter recursos para menos

de um mês de paralisação das atividades produtivas, sendo 34,5% o total de organizações nesta faixa. Ampliando o cenário temporal, 77,1% responderam ter reservas para, no máximo, 3 meses de paralisação das atividades. No caso das organizações, 62,1% também tinham esse horizonte temporal para se manterem.

Figura 20 – Capacidade das organizações e dos indivíduos se manterem em caso de suspensão total de suas fontes de receitas com cultura (%)



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/Ba. Elaboração própria.

Perguntados sobre os impactos ocasionados pela pandemia em aspectos relacionados à gestão, os trabalhadores envolvidos com o setor da cultura na Baixada Fluminense indicaram que o impacto da suspensão de atividades pelo governo foi muito alto ou alto para quase oitenta por cento (78,4%).

Em relação aos contratos, o impacto foi muito alto para 50,0% dos respondentes. Somando aos que responderam alto para a intensidade do impacto nos contratos, nos aproximamos de mais de dois terços (69,3%) dos respondentes com impactos alto e muito alto. No entanto, em contraste, 25,0% dos respondentes consideraram o impacto muito baixo nos contratos.

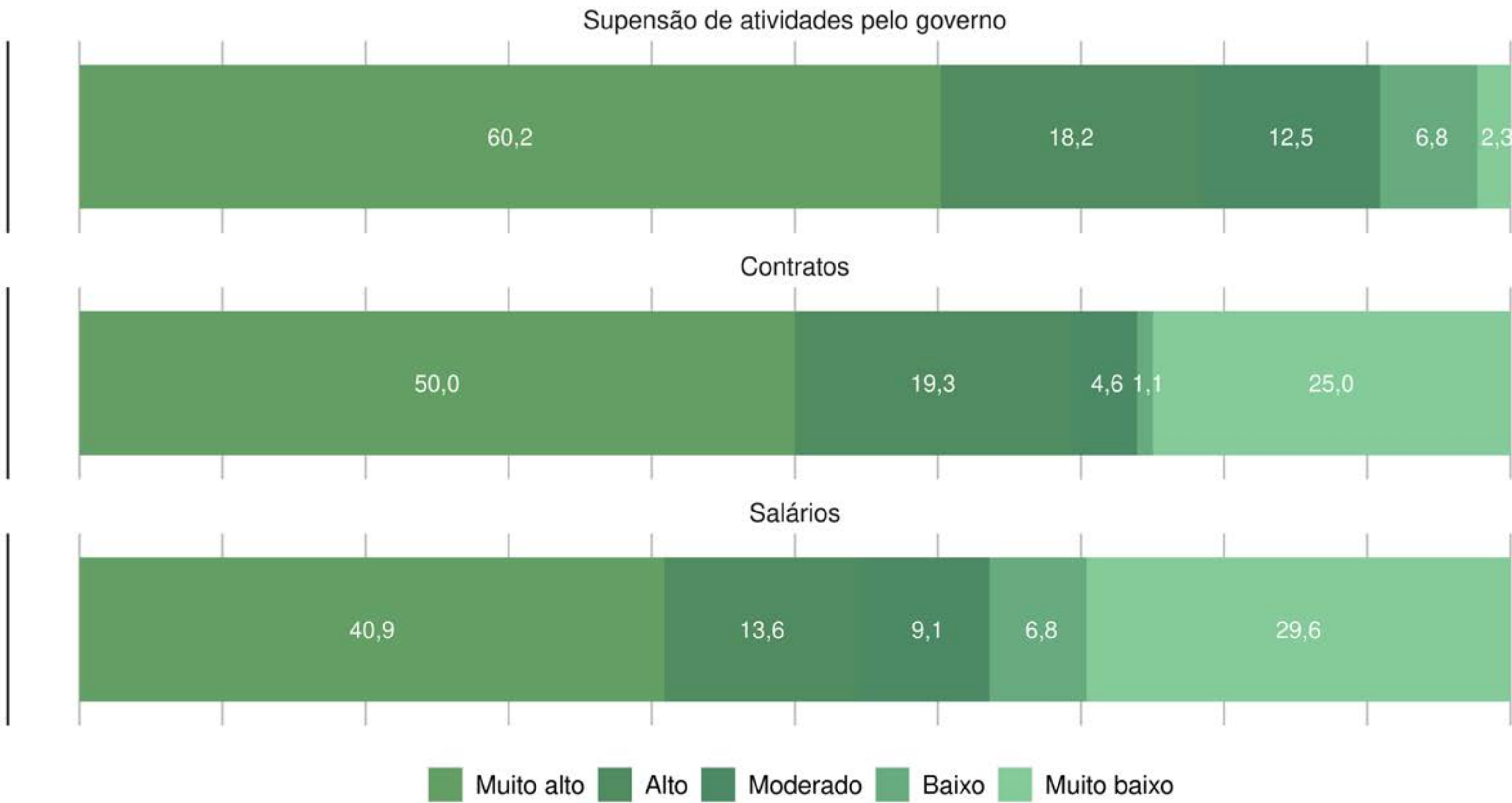
Sobre a intensidade do impacto nos salários, mais da metade dos trabalhadores da cultura (54,5%) indicaram o impacto como alto ou muito alto. De forma oposta, mais de um terço (36,4%) dos respondentes sinalizaram como baixo ou muito baixo o impacto nos salários.

Em suma, a suspensão de atividades pelo governo foi a que mais gerou impactos entre os três aspectos mencionados, considerando o número de respondentes que sinalizou a intensidade como alta ou muito alta e, também, o pequeno número de respostas como intensidade baixa ou muito baixa.

Comparando com a pesquisa no âmbito nacional, há um trajeto análogo entre os aspectos em análise quando observamos a porcentagem de respostas para a intensidade alta ou muito alta. Por exemplo, o impacto da suspensão de atividades pelo governo na pesquisa nacional foi alto ou muito alto para 85,0% dos respondentes, para os respondentes da Baixada este número foi de 78,4%.

Em relação aos outros aspectos, na Baixada Fluminense, os que consideraram o impacto nos contratos alto ou muito alto foi de 69,3%, enquanto no âmbito nacional este número é de 76,0%. Já o impacto nos salários no âmbito nacional foi alto ou muito alto para 56% dos respondentes. Na Baixada este número é de 54,5%.

Figura 21 – Impacto na redução das receitas (indivíduos %)



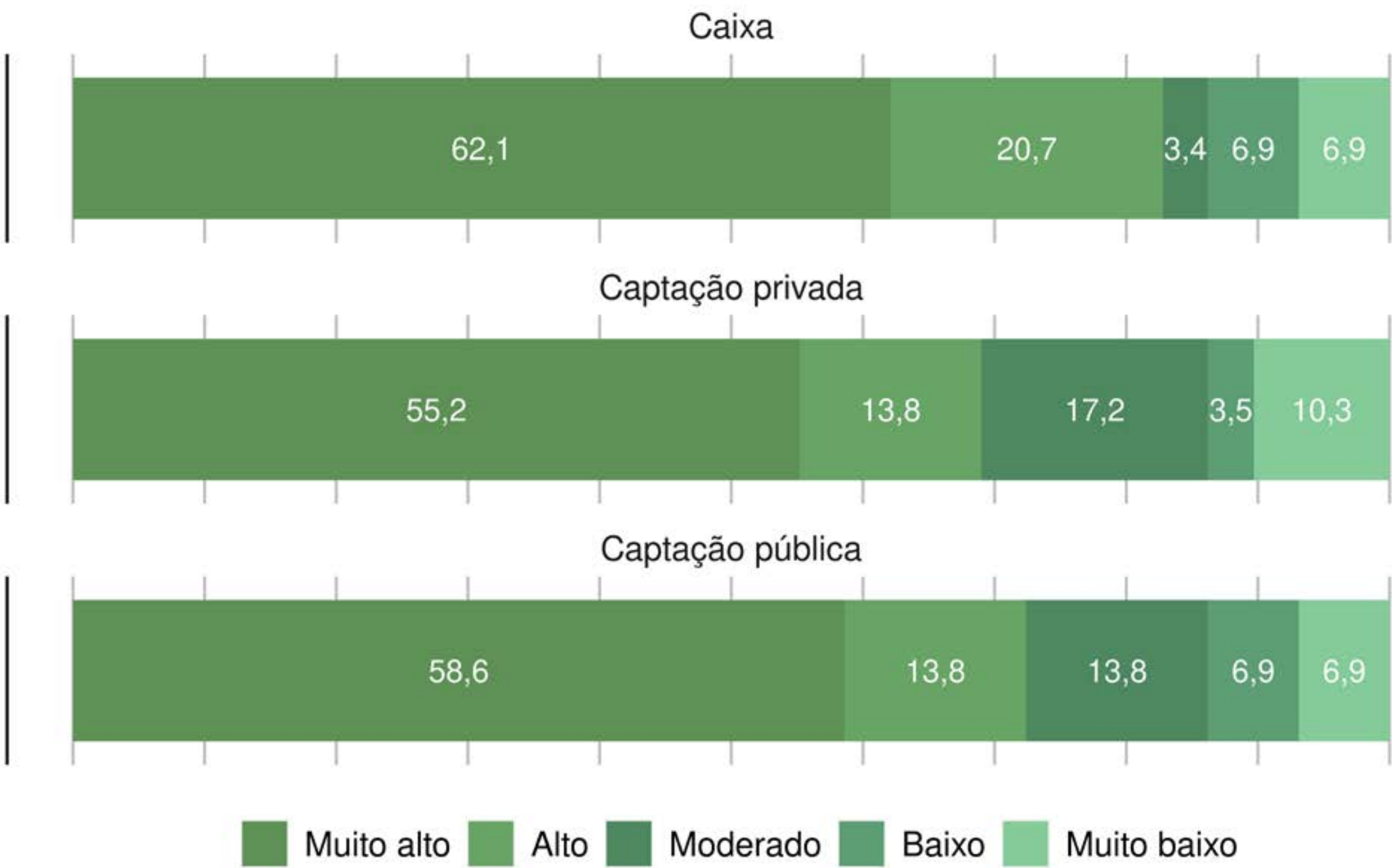
Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

Ao serem questionados sobre quais aspectos da gestão foram mais afetados, 15 organizações indicaram dificuldade de captação de recursos junto a Entidades Privadas e Públicas, bem como impactos consideráveis no caixa. As organizações pontuaram que o impacto alto ou muito alto na captação privada foi de 69,0%, enquanto na captação pública foi de 72,4%. O caixa das organizações também foi bastante impactado pela suspensão das atividades, pois, 82,2% das organizações indicaram terem sido afetadas de forma alta ou muito alta.

Quando se estabelece uma comparação com a pesquisa nacional nota-se alguns números diferentes. Na Baixada Fluminense o maior impacto está no caixa das organizações (82,0% alto ou muito alto), enquanto na totalidade do país representa 67,0%. Por outro lado, os impactos na captação de recurso privado e público é bem superior em âmbito nacional, correspondendo a 83% e 81%, respectivamente.

Como bem demonstram os dados referentes ao tamanho das empresas, as organizações da Baixada Fluminense são em sua totalidade de microempresas, empresas de pequeno e médio porte, o que evidencia os maiores impactos serem no caixa das organizações e não nas formas de captação de recursos.

Figura 22 - Impacto na redução das receitas (organizações %)



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração Própria.

Fotografia: Azis Gabriel



4. ESTRATÉGIAS

“Estudando novas oportunidades e fazendo cursos online gratuitos para melhor atuação no setor da economia criativa.” (Produtor Cultural, 25 a 39 anos, Nilópolis, Baixada Fluminense/RJ)

A pesquisa nacional elaborou uma série de perguntas visando observar quais as estratégias os trabalhadores e as trabalhadoras e, também, as organizações do segmento da economia criativa, utilizaram para enfrentar a pandemia.

Ainda em março de 2020, uma das falas mais recorrentes nos meios de comunicação corporativos, redes sociais e na academia era que a economia criativa em geral e a arte e a cultura, em particular, seriam os últimos segmentos que retornariam suas atividades presenciais. O que começamos a ver foram inúmeras atividades artísticas e culturais acontecerem de forma remota com diversas experimentações nas mais variadas plataformas digitais.

Os dados da pesquisa em nível nacional corroboraram essa sensação. A despeito da necessidade de suspender as

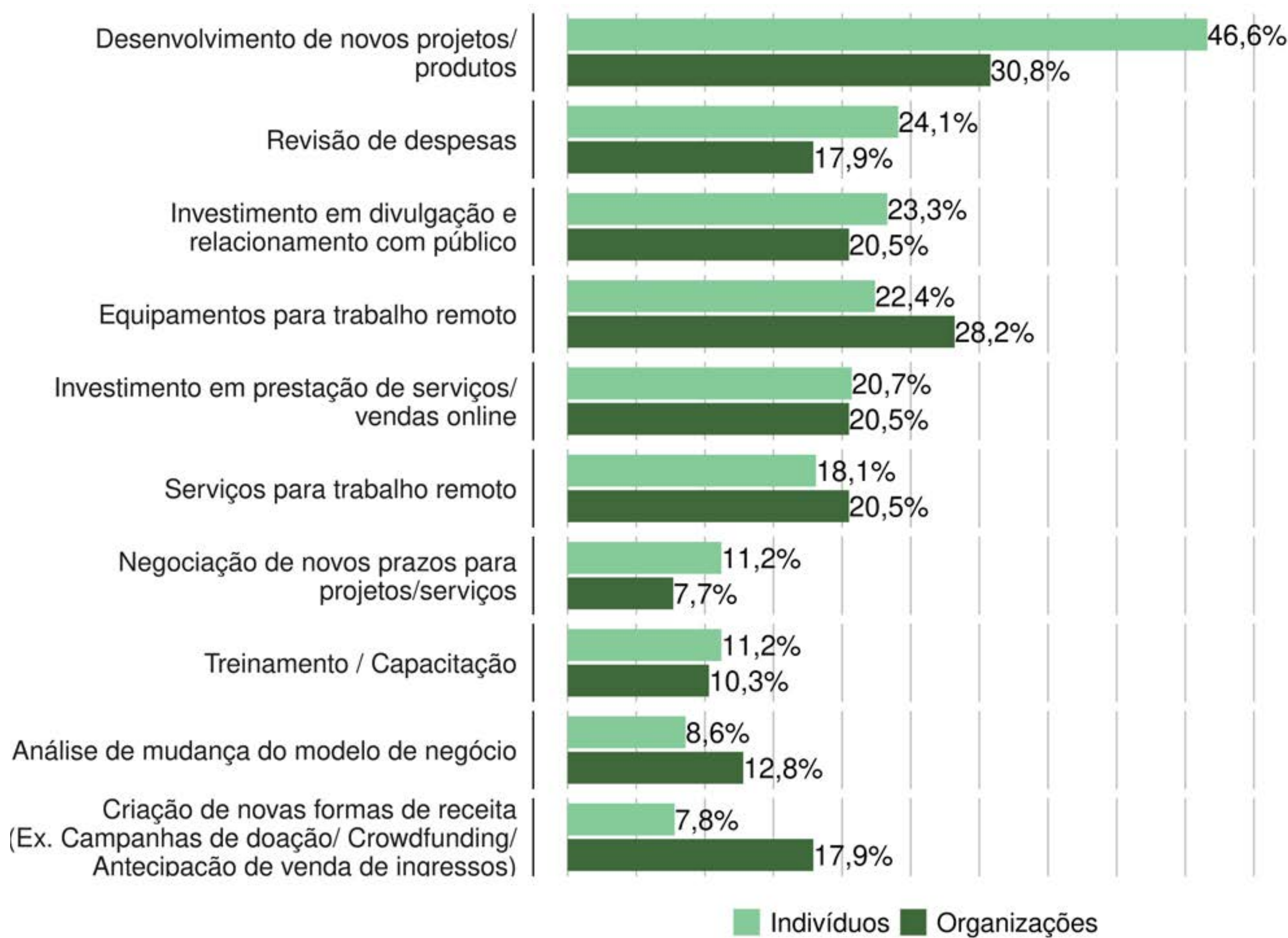
atividades presenciais a partir do início do isolamento social, 45,0% dos indivíduos e 42,0% das organizações respondentes informaram estar desenvolvendo novos projetos e/ou produtos. Entretanto, quando colocamos a lupa sobre a região da Baixada Fluminense os dados apresentam pequena variação. Apesar de ter um percentual um pouco maior de indivíduos desenvolvendo novos projetos/produtos (46,6%), o percentual de respostas dadas pelas organizações é de apenas 30,8%. Esse percentual pode apontar para uma dificuldade das organizações em reestruturarem sua produção no curto-prazo.

Enquanto em nível nacional o segundo item citado pelos respondentes é a revisão das despesas (36,0% dos indivíduos e 30,0% das organizações), na Baixada Fluminense essa revisão também é a segunda ação mais citada, porém por apenas 24,1% dos indivíduos e 17,9% das organizações. Como visto, em relação ao menor rendimento médio dos participantes da pesquisa na Baixada Fluminense frente ao agregado para o país, podemos supor que a redução

de despesa não é uma opção para quem partia de um rendimento menor já antes da pandemia.

Chama a atenção, ainda, as respostas em relação à utilização de equipamentos para oferta de serviços remotos. Ao verificarmos as necessidades apresentadas, tanto pelos indivíduos, como pelas organizações, podemos observar que esses equipamentos ainda são uma necessidade grande para a prestação de serviços da economia criativa na Baixada Fluminense. Caberia avaliar, ainda, como está o fornecimento dos serviços digitais frente à nova demanda provocada pelo isolamento social, dado não captado nessa pesquisa.

Figura 23 – Recursos utilizados para lidar com a pandemia

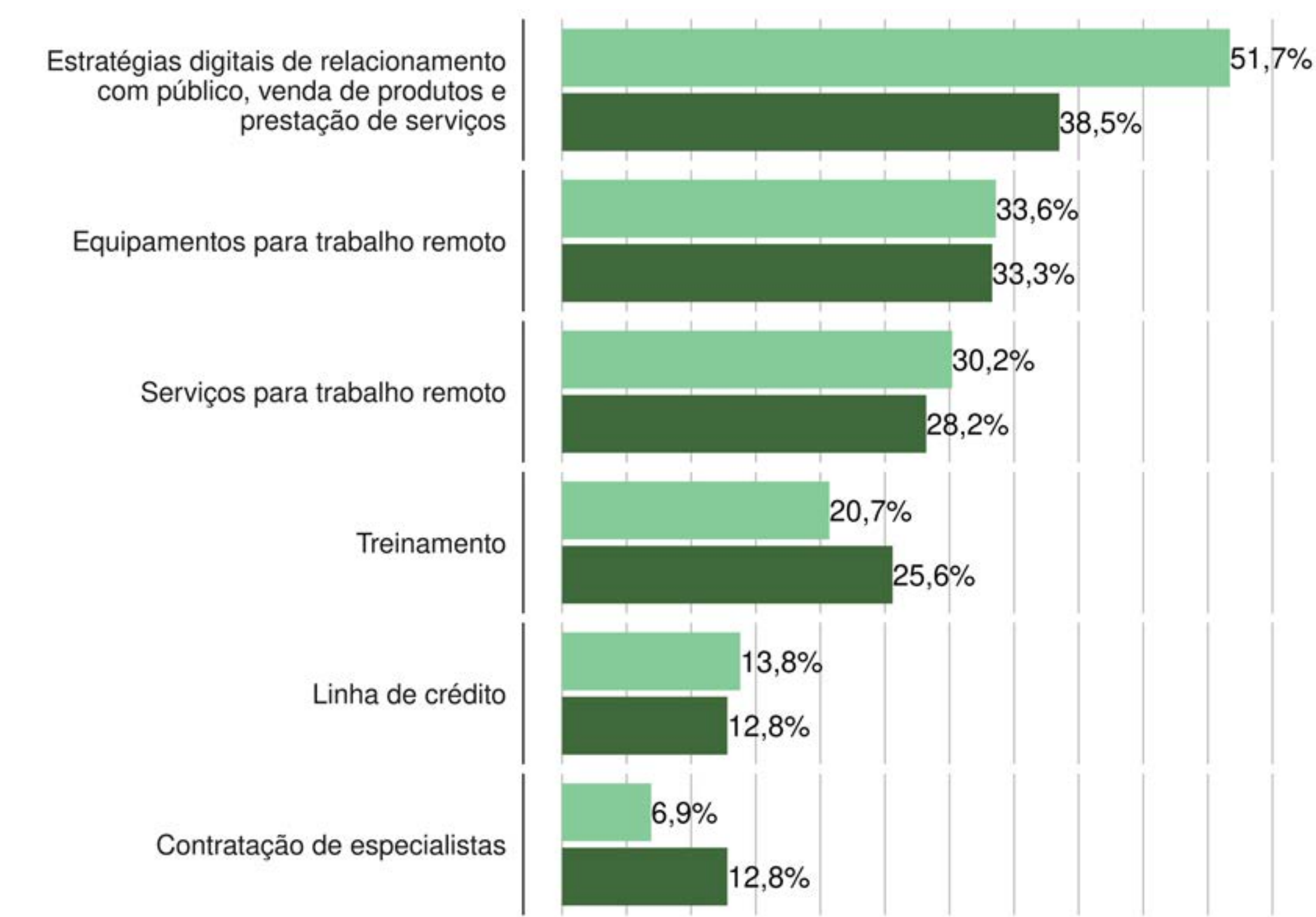


Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

Foi perguntado quais as principais necessidades dos participantes do segmento da economia criativa para fazer frente à pandemia. Como era de se esperar, a principal necessidade apontada, tanto para os indivíduos, como para as organizações, foi estratégias digitais. Essas se referem ao contato com o público, venda de produtos e serviços online: 51,7% dos indivíduos e 38,5% das organizações. Para que essas estratégias digitais se concretizem são necessários equipamentos e serviços de distribuição de dados móveis, como já salientado anteriormente.

Segundo item mais citado pelos indivíduos (21,4%) e pelas organizações (22,0%), a necessidade de aquisição de equipamentos para trabalho remoto também surgiu como a segunda principal necessidade dos indivíduos e organizações em nível nacional: 36,0% e 28,0%, respectivamente. Os serviços para trabalho remoto foram citados por 19,2% dos indivíduos e 18,6% das organizações, acompanhando a tendência observada nos dados da pesquisa no agregado nacional.

Figura 24 - Necessidades para lidar com a pandemia



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

Interessante ressaltar que as estratégias digitais, equipamentos e serviços para concretizar as estratégias de venda de produtos e prestação de serviço são bem mais representativas que as necessidades de linhas de crédito.

Outro item que chama a atenção nas respostas proferidas é a necessidade de treinamento, tanto para indivíduos (20,7%), como para organizações (25,6%). Essa demanda é superior à apresentada por linhas de crédito (13,8% para indivíduos e 12,8% para organizações). Por um lado, aponta para o fato de que, apesar da necessidade de recursos emergenciais para enfrentar a pandemia, é necessário qualificação para lidar com as novas necessidades apresentadas pelos serviços remotos. Por outro lado, confirma a baixa demanda dos indivíduos e organizações da Baixada Fluminense por produtos bancários que representem uma dívida de médio ou longo-prazo que, frente à atual incerteza, seria temerária.



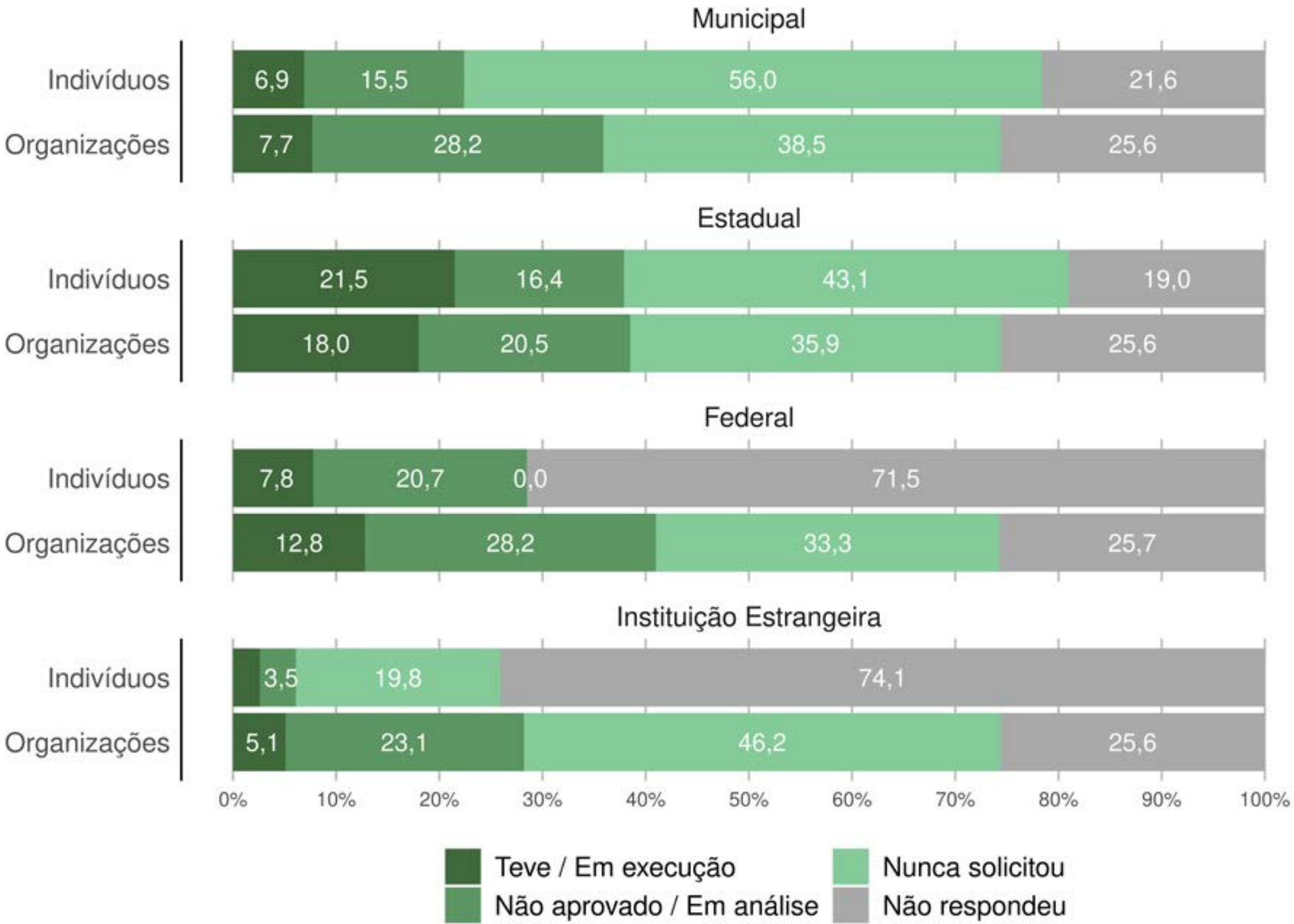
5. **RELAÇÕES PRÉVIAS COM MECANISMOS DE FINANCIAMENTO**

Fotografia: Gabriela Machado

Em relação ao apoio dos entes federativos aos indivíduos e organizações, ao observar as respostas sobre cada ente, verifica-se que os projetos no âmbito estadual e federal são os mais solicitados e aprovados do que no âmbito municipal. Entre os indivíduos, registra-se a obtenção de apoio direto municipal por 6,9%, estadual por 21,5% e federal por 7,8%. Já entre as organizações, as que obtiveram apoio direto municipal somam 7,7%, estadual 18% e federal 12,8%. Isso demonstra que indivíduos e organizações preferem requisitar iniciativas de fomento através do estado do Rio de Janeiro ao invés de solicitar apoio aos municípios da Baixada Fluminense. Há uma diferença em relação à pesquisa nacional que apontou o âmbito municipal como o mais pleiteado.

Apesar das barreiras linguísticas e de acesso à informação, 6,1% dos indivíduos e 28,2% das organizações respondentes já tentaram ou obtiveram apoio de instituições estrangeiras. Vale ressaltar que as organizações apresentaram uma vantagem em relação aos indivíduos na obtenção de apoio direto, seja através dos entes federativos ou de instituições estrangeiras, à exceção do âmbito estadual.

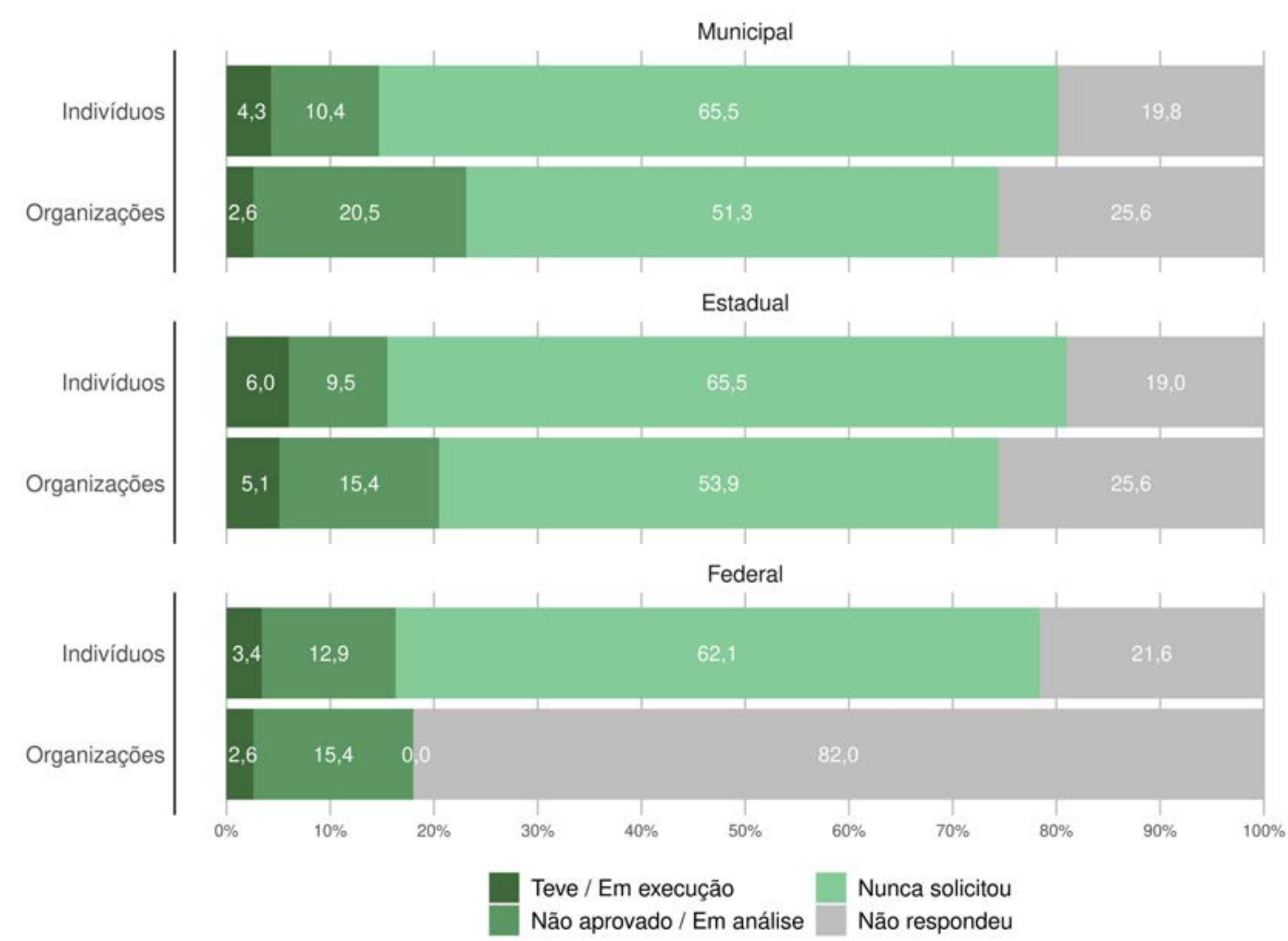
Figura 25 – Prévio uso de apoio direto por ente federativo e instituição estrangeira (%)



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA.
Elaboração própria.

Os dados sobre utilização de recursos oriundos de leis de incentivo fiscal antes da pandemia, apontam um baixíssimo uso deste mecanismo de financiamento pelos agentes culturais da Baixada Fluminense. Observa-se um escasso acesso à lei de incentivo fiscal municipal, com 4,3% dos indivíduos e 2,6% das organizações. No âmbito estadual, os dados da Baixada apontam que 6,0% dos indivíduos e 5,1% das organizações tiveram financiamento via incentivo fiscal. No recurso ao incentivo fiscal federal, a Lei Rouanet, somente 3,4% dos indivíduos e 2,6% das organizações da Baixada foram contemplados.

Figura 26 – Prévio uso de incentivo fiscal por ente federativo (%)



Fonte: Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – OBEC/BA. Elaboração própria.

Fotografia: Gabriela Machado



Gabriela Machado

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia ainda em curso será lembrada durante muitos anos. Conforme apresentado no decorrer deste relatório, o campo cultural da Baixada Fluminense foi severamente impactado, embora a crise da cultura seja anterior à chegada da Covid-19 na região. A rede cultural da Baixada Fluminense, que se destaca pela participação dos seus membros nos diversos eventos culturais do território, encontra-se, desde março de 2020, interligada apenas virtualmente. O encontro, o afeto, as trocas e as atividades presenciais colaborativas foram paralisadas ou cessaram desde março de 2020 conforme apresentamos nesse relatório.

No momento dessa publicação, a precarização do trabalho cultural detectado pela pesquisa aponta para uma demanda por empreendedores individuais como se todas/os fossemos uma empresa. A pesquisa demonstrou que esses empreendedores têm cada vez menos proteção social, rendimento individual – os que ainda estão com rendimento – próximo

ao salário mínimo e que estão tentando se reinventar procurando novos produtos/projetos para executar. A transição para o trabalho cultural remoto que pudemos observar na pesquisa foi intensificada pelas exigências dos auxílios emergenciais municipais e estaduais, já que todos os projetos devem ocorrer remotamente. Porém, percebemos, também, a necessidade de infraestrutura – equipamento, treinamento e acesso – tanto para as organizações, como para as trabalhadoras e trabalhadores da cultura utilizarem as plataformas digitais. Pelo porte das organizações da economia criativa da região, majoritariamente micro e pequenos empreendimentos, o acesso às linhas de crédito não foi uma realidade durante o ano de 2020 ou, pelo menos, no primeiro semestre analisado.

Com um rendimento médio individual abaixo do apresentado pela pesquisa nacional observamos um empobrecimento das/os trabalhadoras/es da cultura da Baixada Fluminense.

Mas, uma luz se acendeu após o levantamento de dados da pesquisa. A Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc, promulgada em agosto de 2020, possibilitou uma reconexão da rede cultural da Baixada Fluminense. Se, no início da pandemia, foram os grupos culturais que primeiro realizaram atividades emergenciais junto à população do seu entorno, distribuindo cestas básicas, informações sanitárias e álcool em gel, no segundo semestre de 2020, pressionaram os poderes públicos municipais a realizarem editais, chamadas públicas e a liberarem verbas de manutenção de espaços públicos comunitários.

A reconexão da rede apontou para o (re)início do fortalecimento dos conselhos municipais de políticas culturais, demandas de criação/atualização/fortalecimento dos planos municipais de cultura e luta para que as políticas públicas de cultura municipais passem, a partir de agora, a se pautarem pela busca da transparência existente em editais públicos.

Porém, se por um lado pôde-se observar o ressurgimento dos espaços de disputas políticas pelas ações culturais, por outro, a grande preocupação se dá em torno da execução dos projetos culturais aprovados, tanto nos editais municipais, como nos editais levados a cabo pelo governo estadual. Mais uma vez, observamos a falta de apoio público para as ações culturais no território. Além da falta de informações e divulgação dos próprios editais/chamadas públicas para os maiores interessados: as trabalhadoras e trabalhadores da cultura da Baixada Fluminense.

Acreditamos, entretanto, que o diagnóstico do campo cultural da Baixada Fluminense apresentado nesse Relatório da pesquisa possa influenciar políticas públicas municipais e do estado. Como salientamos no decorrer do relatório, trata-se de uma fotografia da situação dos grupos e trabalhadoras/es culturais da Baixada Fluminense, mas que pode auxiliar na minimização da crise sanitária que impactou e vem impactando o setor.

Durante todo o relatório pudemos observar que o impacto da Covid-19 em um território marcado pela desigualdade social se torna mais agudo. Porém, esses grupos culturais que atuam a partir da periferia apontaram que seus enraizamentos no território poderiam e realmente fizeram a diferença. Mais do que grupos socioculturais, são grupos que executam ações culturais com criatividade, solidariedade, afeto e realizando transformações no território.

Gostaríamos de finalizar esse trabalho tecido a tantas mãos, em um momento de tantas vítimas da pandemia, com as palavras de Dudu de Morro Agudo sobre o que é fazer cultura na Baixada Fluminense: “fazer cultura aqui na Baixada Fluminense é resistência”. Se essa foi a resposta do rapper em 2016, imagina o que é fazer cultura em 2021 na Baixada Fluminense! Oferecemos este Relatório a cada um e cada uma das fazedora(es) culturais da região.

E, oferecemos, também, a toda(os) habitantes da Baixada Fluminense, região que, até dezembro de 2020, se apresentava como a de maior taxa de letalidade da Covid-19 no estado do Rio de Janeiro² e maior índice de casos.

Resistiremos!

² Atlas da Evolução da Pandemia de COVID-19 na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (UFRRJ, 2021).

» AGRADECIMENTOS

Alexandre Pimentel (IFRJ/Nilópolis)

Anderson Oriente (IFRJ/São João de Meriti)

Carlos Magno Guerra (UNEB; NPGA/UFBA)

Carlos Paiva (Coordenação da pesquisa nacional – OBEC-BA)

Carmen Lima (UNEB)

Daniele Canedo (Coordenação da pesquisa nacional – OBEC-BA)

Dudu de Morro Agudo (Instituto Enraizados)

Elizabeth Ponte (Gestora Cultural/ Pesquisadora)

Fernanda Delvalhas Piccolo (IFRJ/Nilópolis)

Jonas Lana (IFRJ/Belford Roxo)

Karine Karam (ESPM-RJ)

Leonardo Costa (UFBA)

Lia Calabre (PPCULT/UFF)

Luciana Guilherme (ESPM-RJ)

Luiz Gustavo Campos (Pós-Cultura/UFBA)

Mércia Queiroz (FUNCEB/SECULT; Pós-Cultura/UFBA)

Raíssa Caldas (Pós-Cultura/UFBA)

Renata Rocha (UFBA)

Rosimeri Carvalho (UFRGS)

Taydara Araujo (SECEC/RJ)

» REFERÊNCIAS

CANEDO, Daniele et al. Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa: relatório final de pesquisa 2020. Observatório da Economia Criativa da Bahia – OBEC-BA, 2020

DUDU de Morro Agudo. Entrevista concedida a João Guerreiro. Nova Iguaçu, 16 junh. 2016.

PROGRAMA BRASIL PRÓXIMO. Mapeamento dos Grupos Criativos da Baixada Fluminense: Relatório Final. Rio de Janeiro, 2015.

RIO DE JANEIRO. LiGA - Laboratório integrado de Geografia Física Aplicada. (2020) Atlas da evolução da pandemia de COVID - 19 no estado do Rio de Janeiro. Seropédica. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Disponível em: <<http://liga.ufrrj.br/>>. Acesso em 25 de fev. de 2021.

UNESCO. Marco de Estadísticas Culturales (MEC) de la UNESCO 2009. Montreal, Quebec: Instituto de Estadística de la Unesco, 2009.



Ilustração: Bruna Villares

OBaC
Observatório Baixada Cultural